

Sociedade Rorschach de São Paulo

BOLETIM DA

SOCIEDADE
RORSCHACH
DE SÃO PAULO

Órgão Oficial da Sociedade Rorschach de São Paulo

Vol. VI nº 1

Jan. — Dez. / 1987

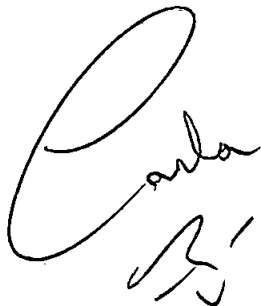
Jan. — Dez. / 1988

Órgão Oficial da Sociedade Rorschach de São Paulo

Vol. VI - nº 1

Jan-Dez/1987

Jan-Dez/1988



Dedicado ao estudo e à especialização da Prova de Rorschach e de outras Técnicas Projetivas, bem como a temas teóricos que contribuam para o desenvolvimento e melhor compreensão da avaliação da Personalidade Humana.

SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO
REPRODUÇÃO PROIBIDA

SRSR
DOAÇÃO

SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO

Rua Itapeva nº 490 - 7º andar - Cj. 74

Fone: 289.2067 - São Paulo -SP

Í N D I C E

Editorial.....	
Sensibilidade dos Ansiosos a Estímulos Específicos da Prova de Rorschach. Dr ^a . Lúcia Coelho e Lúcia Cruz Costa.....	
Apreensão e Representação de Imagens em Protocolos de Rorschach de Examinandos "Violentos". Dr ^a . Lúcia Coelho. Dr. Roberto Fazzani Neto. Dr. Augusto Abade	
O Método de Rorschach sob um Enfoque Psicopatológico Experimental dos Efeitos do Protóxido de Azoto. M. Timsit, D. de Thier e M. Timsit - Berthier	
A Identificação Sexual na Prancha III. Giovanall G. T.; Trisi A.; Capri P.; Gigantesco A.; Miozza R.	
Características do Paciente Asmático Através do Psicodiagnóstico de Rorschach. Cristina Maria de Souza Brito Dias. Maria da Penha de Lima Coutinho...Harmut Gunther	
Primeiros Resultados da Experimentação da 1 ^a e 2 ^a Séries do Protótipo das Manchas Paralelas, Elaboradas Por S. Parisi e P.P.ES. Parisi; Pes P.; Capri P.; Cupini F.; L'Imperio A. (2) Fiumara R.; Capolari M. (3).....	
Noticiário.....	

CORPO DOCENTE E MEMBROS DA DIRETORIA DA SOCIEDADE
RORSCHACH DE SÃO PAULO

PRESIDENTE

Prof^a. Dra. Maria Helena T. de Figueiredo Steiner
Livre- Docente da Universidade de São Paulo

VICE-PRESIDENTE

Dr^a. Lúcia Maria Salvia Coelho
Doutora em Ciências Médicas e Mestre em Filosofia das Ciências

SECRETÁRIO GERAL

Dr. Ruy Benedicto Mendes Filho
Médico Psiquiatra e Mestre em Psicologia

SEGUNDO SECRETÁRIO

José Carlos Teixeira de Camargo Filho
Psicólogo

TESOUREIRO

Leda Franca
Psicóloga

COMISSÃO CIENTÍFICA

- Ana Maria T. Benevides Pereira
Psicóloga - Mestre em Psicologia
- Lúcia Rosa Cruz Costa
Psicóloga - Mestranda em Psicologia

Sociedade Rorschach de São Paulo
SRSP
DOAÇÃO
09/14

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO E ORÇAMENTO

- Dr^a. Hilda Clotilde Penteado Morana
Médica Psiquiatra e Mestre em Psicologia
- Dr. Roberto Fazzani Neto
Médico Psiquiatra e Mestrando em Psicologia

COORDENADORA DOS CURSOS DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO

- Lúcia Rosa Cruz Costa
Psicóloga - Mestranda em Psicologia
- Dr^a. Hilda Clotilde Penteado Morana
Médica Psiquiatra e Mestre em Psicologia

CORPO DOCENTE DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO

- Dr. Ruy Benedicto Mendes Filho
Médico Psiquiatra e Mestre em Psicologia
- Roberto Fazzani Neto
Médico Psiquiatra e Mestrando em Psicologia
- Dr^a. Hilda Clotilde Penteado Morana
Médica Psiquiatra e Mestre em Psicologia
- Ana Maria T. Benevides Pereira
Psicóloga - Mestre em Psicologia
- José Carlos Teixeira de Camargo Filho
Psicólogo
- Lúcia Rosa Cruz Costa
Psicóloga - Mestranda em Psicologia
- Maria Adelaide de Freitas Caires
Psicóloga - Mestranda em Psicologia
- Sheila Regina de Camargo Martins
Psicóloga

- Gisele Budzis Petri Magalhães Costa
Psicóloga

COORDENADORA ADMINISTRATIVA

- Sonia Ivania Fantauzzi Lobo
Tradutora - Nível Universitário



EXPEDIENTE

RESPONSÁVEL

Dr^a. Hilda Clotilde Penteado Morana
Ana Maria T. B. Pereira

CONSELHO EDITORIAL

Dr^a. Maria Helena T. de Figueiredo Steiner
Dr^a. Hilda Clotilde Penteado Morana
Sonia Ivania Fantauzzi Lobo

REDATORA

Dr^a. Hilda Clotilde Penteado Morana

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO

Sonia Ivania Fantauzzi Lobo

EDITORIAL

PERSPECTIVAS ATUAIS DA PROVA DE ROSCHACH

Como sempre ocorre no transcorrer de encontros periódicos entre especialistas em diferentes áreas do conhecimento, o 12º CONGRESSO INTERNACIONAL DE RORSCHACH representou, de modo significativo, as perspectivas teóricas, os campos de aplicação e as investigações empíricas ou experimentais que prevalecem atualmente nesse domínio.

A diversidade dos temas desenvolvidos nas comunicações dos vários países participantes (nove países da Europa, cinco da América Latina, dois da América do Norte e dois da Ásia) pode nos dar uma idéia do interesse que a prova de Rorschach suscita atualmente nos vários campos das ciências humanas, e das potencialidades que ela oferece como instrumento de investigação psicológica.

Predominaram, como já é habitual, os trabalhos ligados a atividade clínica. Destes trabalhos, mais de 50% foram apresentados por autores brasileiros e norte-americanos. Os estudos realizados focalizaram os quadros neuróticos, psicóticos e neurológicos, além dos casos clínicos designados como "borderline", tema central do

congresso. Grande parte desses trabalhos, apoiaram-se em concepções psicanalíticas ou fenomenológicas e utilizaram os critérios nosológicos médicos na busca de sinais patognômicos ou de significados simbólicos dos conteúdos do Rorschach.

Numerosas foram, ainda, as comunicações versando sobre os aspectos técnicos e normativos do Psicodiagnóstico. Neste setor ressaltou-se a escola de Exner em sua tentativa de integração dos vários sistemas norte-americanos de avaliação da Prova e na proposição de novos índices, com estudos normativos em alguns países (Estados Unidos, Espanha, Argentina e Portugal). Além dos trabalhos baseados em Exner, foram apresentados estudos normativos com crianças (Uruguai), idosos (Finlândia), adolescentes e adultos (Espanha), além de uma avaliação comparativa entre homens e mulheres (Itália, Escola de Roma) e de uma reflexão crítica sobre a questão (Brasil). A autora deste último trabalho, I. Adrados, divergindo das conclusões relatadas pelos colegas e baseadas em estudos transculturais e

comparativos, considera que os dados normativos de uma cultura são dificilmente aplicáveis em outra, e observa, ainda, que os "dados devem ser atualizados periodicamente para terem validade e serem confiáveis". Acreditamos que essa divergência decorra do próprio critério utilizado pela psicóloga brasileira para a distinção dos vários tipos de respostas. Para a avaliação quantitativa do psicograma, dois países (Espanha e Bélgica) propuseram a utilização da análise fatorial. Também nessa perspectiva quantitativa, Jacquemin (Brasil) propõe um critério interessante de avaliação ponderal das respostas "banais".

Ainda no campo da técnica de Rorschach, encontramos sugestões para avaliação qualitativa ou para a designação específica dos dados da Prova (Portugal, tradução dos fatores de Rorschach; Uruguai e Suíça, estudo de fenômenos especiais; Espanha e Argentina, análise lingüística das respostas e Brasil, Rorschach temático).

De maior interesse foram as comunicações relacionadas à técnica "consensual" (Japão e Itália, Escola Romana) e à construção experimental de uma série de pranchas paralelas (Itália, Escola Romana).

Entretanto, as investigações mais originais e promissoras foram aquelas de ordem transcultural realizadas nos Estados Unidos (De Vos, Boyer, Wagatsuma), na França (Rauch Traubenburg, Galap), no Paquistão (Farooqui), na Finlândia (Mattlar), na Escócia (Mahmod) e no Japão (Akitani). Todas as comunicações norte americanas, com exceção do trabalho de Boyer sobre os índios apaches chiricahuas e mescameros, baseiam-se fundamentalmente em escalas de conteúdo, o que restringe de certo modo o valor de suas conclusões. O próprio De Vos, no final de suas investigações sobre negros e chineses nos EEUU, e sobre o fenômeno de stress no processo de aculturação de árabes e japoneses, também na América do Norte, acaba por interrogar-se sobre o valor da interpretação do material simbólico do Rorschach em diferentes culturas, como tendo o mesmo significado em termos de personalidade uma vez que as diferenças que ele encontrou ao nível dos conteúdos possivelmente se devam mais a determinantes culturais influenciando a percepção que a estados psicológicos subjacentes.

Na França, Rauch Traubenberg realizou um estudo com adolescentes vietnamitas, focalizando as modalidades de adaptação segundo um enfoque psicoanalítico, enquanto que Galap também estuda o fenômeno de aculturação de jovens das Antilhas que atualmente vivem em Paris; mas a autora considera apenas os "conteúdos humanos" dos protocolos examinados. Faroqui, examina os protocolos de adolescentes de 16 a 18 anos, do sexo feminino, estudantes do Paquistão, mas também se limita a analisar as respostas vulgares. Mattler, da Finlândia, apresenta um estudo comparado de sete diferentes sistemas de avaliação do Rorschach (Obenholzer, Beck, Klopfer, Hertz, Piotrowski, Rappaport-Schafer e Exner), concluindo que o acordo geral observado nas "respostas populares", em diferentes grupos sócio-profissionais, durante um período de 60 anos é "extraordinariamente elevado".

Na Escócia, Mahmood realizou uma investigação em psiquiatria transcultural, com esquizofrênicos

paquitaneses. Akitani, procurando avaliar a influência das transformações culturais ocorridas no Japão, nesses últimos 25 anos, aplicou o Rorschach em um grupo urbano e em outro rural e verificou não ter havido diferenças significativas nas respostas "vulgares", além de constatar que a única "vulgar" específica da cultura japonesa e que ainda permanece como tal, é a resposta "flor" no pormenor P₂ da VIII prancha. A análise completa do psicograma de Rorschach, aplicado em mulheres de diferentes grupos de idade, revelou não haver diferenças significativas entre eles, apesar das modificações sociais observadas no Japão.

Todos estes estudos transculturais nos oferecem informações valiosas sobre a natureza dos processos examinados através da prova de Rorschach, além de proporem problemas novos relacionados aos diversos níveis de interpretação. Nessa mesma linha de reflexão, as comunicações no campo da Psicologia Social foram igualmente sugestivas: No Brasil, a violência social foi fo-

calizada no meio familiar através do estudo de Steiner sobre "mulheres espancadas" e, nas prisões, com o estudo de guerra sobre as "motivações na prática do homicídio"; na Argentina, Faenza examina a questão do "autoritarismo" durante o período de ditadura militar e suas implicações nos resultados das provas de Rorschach. Ainda em Psicologia Social, mas no plano da atividade profissional, foram apresentados trabalhos interessantes realizados na Bélgica, na Argentina, na Espanha e no Brasil.

A distinção necessária entre investigações de caráter clínico e as de ordem estritamente experimental foi mencionada em uma comunicação de Rauch Traubenberg. A autora observa que o procedimento clínico baseia-se na avaliação do caráter singular de uma experiência humana e na comparação dos resultados dos exames com os quadros nosológicos conhecidos; por outro lado, na investigação experimental, o exame de protocolos visa testar hipóteses específicas sobre variáveis ou fenômenos psicológicos, em que se estudam as interrelações isoladas

do contexto individual de cada protocolo. Em ambos os procedimentos devem ser examinados tanto os dados quantitativos (índices e correlações numéricas) como os qualitativos (conteúdos e fenômenos especiais); além disso, todo tipo de investigação deve pautar-se em um modelo teórico preciso. Apesar de privilegiar, no Rorschach, a utilização do procedimento clínico, Rauch Traubenberg reconhece a importância da experimentação, uma vez que, segundo ele, esse procedimento permite tanto a elaboração e a comparação de protocolos de indivíduos pertencentes a grupos clínicos distintos, quanto à reflexão e o esclarecimento de questões teóricas que fecundarão a prática clínica. Devido à exigência de maior rigor metodológico na realização de investigações experimentais, onde as variáveis devem ser definidas de modo operacional, esse tipo de procedimento foi utilizado em poucos trabalhos apresentados no Congresso Internacional. Assim, na Itália, a Escola Romana de Rorschach apresentou duas comunicações sobre uma investigação experimental das estruturas perceptuais analisadas em cada uma

das pranchas de Rorschach, e um estudo experimental sobre a identificação sexual examinada através das respostas à prancha III; no Canadá, o estudo da agressividade foi efetuado a partir do exame específico das percepções observadas na prancha III; na Argentina, examinou-se a hipótese de uma possível preva-
leância do tipo de vivência "introversivo/ nos protocolos de Rorschach de indivíduos de Rosário, e, ainda, no mesmo país, fez-se uma investigação sobre a incidência de conteúdos místicos em protocolos de adolescentes. No Brasil, foram realizadas duas investigações experimentais: uma sobre a agressividade e os níveis de processamento da imagem no Rorschach e outro sobre a ansiedade examinada através da escala de Cattell e de outros fatores formais e qualitativos do Psicodiagnóstico.

A divergência de critérios para a avaliação dos dados ofere-

cidos pela Prova de Rorschach com ênfase na interpretação simbólica dos conteúdos ou nos fatores formais do processo perceptual - decorre em grande parte das concepções teóricas utilizadas pelos autores das diferentes comunicações. Assim, por exemplo, Exner considera que "a interpretação qualitativa dos protocolos geralmente é pouco mais que um exercício esotérico de especulação", o que leva esse especialista a adotar um procedimento de ordem estritamente empírica. Por outro lado, autores psicanalistas tendem a valorizar os mecanismos de defesa do ego ou expressões pulsionais, deduzidos principalmente a partir de conteúdos particulares de respostas. O reexame de questões teóricas e da posição epistemológica defendidas por diferentes autores, embora de maior importância, foi efetuado em um número reduzido de comunicações. Os fundamen-

tos teóricos da Prova de Rorschach constituem ainda um tema a ser aprofundado. A influência do movimento cognitivista em psicologia traduziu-se no campo do Rorschach na análise sistêmica de processos psíquicos envolvidos na percepção das manchas. Diferentes sugestões ao uso desse enfoque teórico foram oferecidas por Noce tti e Sinópoli (Argentina), por Delahenty (México), por Coelho e Costa (Brasil) e por Sparvie ri (Itália). Entretanto, não foram criadas as condições necessárias ao debate mais amplo dessas questões no decorrer das sessões do Congresso. Outro quadro teórico proposto para a análise do Rorschach foi exposto por Lesniak, do Canadá. Esse trabalho baseia-se na Teoria da Desintegração Positiva (TDP), elaborada por Da browiski, e o autor da comunicação propõe o sistema de classificação de respostas de Piotrowski como um mode de articu

lação entre os conceitos teóricos e os dados do Rorschach. Apenas o uso abusivo do método patológico para a delimitação de fenômenos psíquicos evolutivos comprometeu parcialmente o valor dessa proposta de interpretação dos dados do Psicodiagnostico.

Kacero, psicólogo argentino, faz em sua comunicação algumas considerações sobre a perspectiva epistemológica de análise do material do Rorschach. De modo mais concreto e incisivo Kincel (Canadá) insiste na necessidade de se voltar a considerar o Rorschach como "um experimento de percepção", de modo a valorizar os dados formais da prova e de se encorajar a realização de pesquisas inter-culturais e, ao mesmo tempo, de promover um maior intercâmbio de informações entre os países filiados à Sociedade Internacional de Rorschach. Consideramos as propostas de

Kinzel como sendo de maior importância para a promoção de um avanço significativo não apenas no conhecimento dos processos perceptuais através do Rorschach, mas também, na própria constituição do conhecimento psicológico.

Ainda no plano teórico, foram apresentadas algumas comunicações sugestivas: aquela desenvolvida sobre a criação de uma grade de "representation de soi", baseada em um quadro interpretativo da psicoanálise fenomenológica, e dois trabalhos franceses, também de inspiração fenomenológica, sobre o "fascínio" provocado pelos estímulos do Rorschach (Grosclade) e sobre as respostas de "máscara" e sua ligação metonímica com a noção de corpo (Rebourg).

Embora pouco numerosas, as comunicações sobre questões teóricas e as pesquisas experi

mentais sobre os processos e dinamismos psíquicos mobilizados durante a realização da Prova do Rorschach, prenunciavam uma utilização mais racional e atualizada desse instrumento psicológico, até agora predominantemente considerado como um mero teste de avaliação diagnóstica de quadros clínicos.

Antes de encerrarmos nossos comentários gerais sobre as tendências teóricas e metodológicas reveladas por especialistas internacionais na Prova de Rorschach, gostaríamos de fazer uma breve apreciação sobre os trabalhos apresentados por psicólogos brasileiros.

Dentre as 28 comunicações brasileiras sobre Rorschach, 23 foram de autores paulistas e apenas cinco de outros Estados do país (Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Paraíba).

ba). Mesmo considerando as dificuldades econômicas que enfrenta o psicólogo brasileiro, impossibilitando-o de participar de congressos altamente dispendiosos, há que se levar em conta a pouca difusão do psicodiagnóstico em nosso país contrastando com o elevado prestígio dessa prova em outros países. Cabe a nós, da Sociedade Rorschach de São Paulo estimular nossos colegas de outros Estados do Brasil a desenvolverem mais amplamente o ensino e a pesquisa nesse campo, quer colocando nosso material à disposição para consulta, quer facilitando encontros periódicos em âmbito nacional. Esse intercâmbio de conhecimentos seria de maior interesse tanto para os psicólogos de São Paulo como para os de outros centros universitários brasileiros.

Um outro aspecto a ressaltar consiste no fato de que o uso

do Rorschach em nosso meio vem sendo adotado predominantemente no campo clínico (17 trabalhos de São Paulo e dois de outros Estado), enquanto que as demais áreas de aplicação - estudos teóricos e experimentais, aperfeiçoamento da técnica e investigação de carácter antropológico ou social - são praticamente ignoradas (apenas dois trabalhos experimentais de psicologia social e os restantes de ordem técnica).

Além das comunicações sobre a Prova de Rorschach, foram apresentados no Congresso Internacional 12 trabalhos baseados em outras técnicas de exame psicológico (um de Brasília, um da Bahia e os demais de São Paulo). Os testes mais utilizados foram os de Pfister e o teste gestáltico de Bender. O confronto desses testes com a

prova de Rorschach teria sido de grande utilidade para o esclarecimento de questões teóricas e metodológicas sobre os processos psíquicos investigados através de provas projetivas.

A notável ampliação do ensino do Rorschach em diferentes universidades norte-americanas e europeias, aliada ao aproveitamento mais sutil dos recursos oferecidos por esta Prova, e que apenas começam a ser explorados, para o desenvolvimento de áreas atuais de investigação, como a da neuropsicologia, de funções psíquicas superiores, da psicolingüística, dos modelos cognitivos dos fenômenos mentais, das formas de comunicação e de simbolização estudadas em Antropologia e dos processos evolutivos do psiquismo humano, e mesmo da análise estética das expressões artísticas, abrem amplas perspecti

vas para a utilização do Psico-diagnóstico. Esperamos que em nosso meio tal expansão não seja ignorada, de modo a permitir um maior avanço e sistematização de conhecimento psicológico.

LUCIA COELHO

"SENSIBILIDADE DOS ANSIOSOS A ESTÍMULOS ESPECÍFICOS DA PROVA DE RORSCHACH" *

DRA. LUCIA COELHO - LIC. LÚCIA CRUZ COSTA

O presente trabalho constituiu um ensaio preliminar de utilização da Prova de Rorschach, para o estudo experimental de distúrbios emocionais que desenvolvemos no campo da neuropsicologia (Coelho, 1987). No referido trabalho, consideramos "ansiedade" como expressão emocional de um baixo limiar de estado de alerta, caracterizado como hipersensibilidade às menores alterações de determinadas condições habituais, externas ou internas. A percepção de tais modificações habituais é intensamente ressentida como ameaça à própria integridade física e psíquica, sem que o indivíduo ansioso se sinta capaz de intervir ativamente no am

biente e nem mesmo controlar sua reação afetiva.

As reações centrais da ansiedade podem ser descritas como hipersensibilidade afetiva acompanhada de elevação de tensão motora e de perturbações neuro-vegetativas que se exprimem por sentimentos de constante insegurança diante das menores modificações dos fatos cotidianos.

Na categoria de distúrbio emocional caracterizado como "ansiedade", distinguimos três níveis ou formas, que se diferenciam não apenas quanto à intensidade das reações, mas também, em sua expressão dinâmica: a "inquietação" (Iq), a "impotência" (Ip) e a "angústia" (Ag). Nes

* Trabalho apresentado no XII Congresso Internacional de Rorschach e Técnicas Projetivas,

se trabalho apenas consideraremos as duas primeiras.

A "inquietude" corresponde à hiperatensão diante de tudo o que ocorre no ambiente ou no próprio organismo, acompanhada de impressão de ameaça iminente e de medo. Geralmente, ela se manifesta através da instabilidade ou agitação motora, e pela instabilidade da atenção.

A "impotência" caracteriza-se pela auto-dépreciação e pelo sentimento de incapacidade em enfrentar as situações. O indivíduo sente-se enfraquecido moral e fisicamente. Ocorre uma perda progressiva de estímulo e, sobre tudo, de prazer em desenvolver atividades no ambiente, acompanhando-se de sentimento de culpabilidade, de fracasso e, por vezes, observa-se mesmo tendência ao suicídio.

O problema que se coloca é o de saber se os diferentes estímulos representados nas manchas de Rorschach (forma, cor, luminosidade, distribuição das áreas no espaço) e a sua organização diversa nas dez pranchas da série, provocarão reações psicológicas e representações perceptuais particulares e possíveis de serem avaliadas em indivíduos ansiosos, especialmente sensíveis a situações ambíguas.

PROCEDIMENTO

1. Delimitação do Grupo de Estudo

Incluimos em nosso estudo examinandos selecionados dentre 30 pacientes considerados clinicamente como "ansiosos". Esses pacientes submetidos à escala de ansiedade estabelecida por Cattell (da 8ª à 10ª classe da escala) e

que, ao mesmo tempo, apresentaram na escala por nós elaborada em trabalho anterior (Coelho, 1986), um valor superior a 13 pontos, em cada um dos agrupamentos de questões relativas a expressões ansiosas de "inquietação" e de "impotência", além de ocorrência de pelo menos 75% das quatro condições básicas para expressão de ansiedade: hipersensibilidade afetiva, distúrbios neuro-vegetativos, tensão muscular e manifestação exagerada dos sentimentos.



Os resultados obtidos segundo nossa acham-se representados em três colunas correspondendo à **inquietação**, **impotência** e proporção das expressões básicas de ansiedade (ver quadro abaixo). Ficamos, assim, com dez probandos, cinco de cada sexo e com idade variando de 18 a 36 anos.

Sempre que necessário confrontamos os protocolos de Rorschach de nosso grupo de identificação com outros grupos: um composto por 140 probandos de uma população "normal" (Silveira-Coelho) e um outro de 15 probandos caracterizados como "violentos" e estudados em outro trabalho que apresentamos nesse Congresso (Coelho-Fazzani)..

Examinandos	Sexo	Idade	Classe Cattell	Adaptação Coelho	
				Iq - Ip	-C.Centrals
1. WSC	m	33	10 ^a	18 -22	- 100%
2. LMG	m	31	10 ^a	22 -16	- 100%
3. VLA	f	32	10 ^a	24- 22	- 100%
4. AC	f	35	10 ^a	23- 19	- 100%
5. NCM	m	21	10 ^a	18- 16	- 100%
6. MNR	f	22	8 ^a	14- 18	- 75%
7. LCT	m	33	8 ^a	10- 14	- 100%
8. MC	m	32	10 ^a	21- 16	- 100%
9. AJV	f	18	9 ^a	20 -17	- 100%
10.MR	f	36	9 ^a	20 -13	- 75%

2. Avaliação dos Resultados

2.1 Avaliação Quantitativa:

Reação às Pranchas Coloridas

A capacidade associativa dos probandos aos estímulos coloridos pode ser aferida pelos "índices de afetividade" de Silveira (1970) e de Beck (1960). O confronto dos valores obtidos pelos referi

dos autores para população "normal" com aqueles que obtivemos para o grupo de examinandos "ansiosos" e para o grupo "violento" apresenta as seguintes características:

Af. Silveira

(II, II, VIII-X/ I,IV-VII)

Gr. Normal

M= 1,20(DP=0,10)

Gr. Ansioso

M=1,63 (DP=0,46)

Gr. Violento

M=1,60 (DP= 0,38)

t= 2,732

t= 3,982

Af. Beck

(VII-X / I-VII)

M= 0,60 (DP=0,19)

M=0,75 (DP=0,25)

M=0,62 (DP=0,18)

Não há diferença significativa entre os grupos "ansioso" e "violento". Ambos apresentam o índice Af. significativamente superior ao valor obtido por Silveira para a população "normal" ($p < 0,01$).

Entretanto, como veremos, no grupo "violento" a elevação de Af. acompanha-se de elevada produção de RC, ao passo que no grupo "ansioso" observa-se rebaixamento desse tipo de respostas em oposição com o valor elevado de Af.

A falta de referência ao número de probandos que compõem a população de Beck impediu o cálculo de comparação de médias. Entretanto, a prova de adaptação nos permitiu verificar que a um nível de significância de 5% predominam, no grupo "ansioso", os valores elevados no índice Af de Beck ($x_2 = 6,21$), enquanto que no grupo "violento" preva-

lecem os valores normais desse índice ($x_2 = 9,14$).

O estudo específico da capacidade produtiva dos examinados às pranchas coloridas em que o vermelho contrasta com os tons monocromáticos (II e III), em confronto com aquela observada em relação aos estímulos compostos por diferentes cores (VII-X) pode ser efetuado através do índice "impulsividade" de Silveira (Silveira, 1970; Coelho, 1980).

Imp. Silveira

Pop. Normal

Gr. Ansioso

Gr. Violento

M=0,34 (DP=0,05)

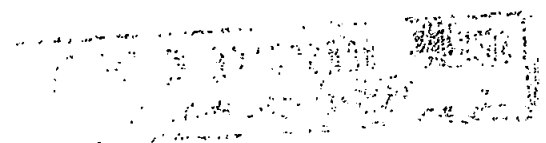
M=0,66 (DP=0,63)

M=0,063 (DP=0,24)

t= 1,818

t= 4,45

O valor do índice Imp é muito variável no grupo de "ansiosos", não havendo diferença significativa entre seu valor médio e aquele observado por Silveira em sua população normal. Entretanto, o índice Imp no grupo violento é significativamente normal ($p=0,01$).



2.2 Avaliação Qualitativa: Fatores Determinantes

Distribuição dos fatores determinantes em confronto:

	Gr. Ansioso	Gr. Violento	Gr. Normal
RC médio	1,3	3,2	5,1
Est. Prevalente	IX	X	
FC:CF:C (médio)	0,3:0,5:0,5	0,2:2,6:0,5	2,9:2,2:0
RM médio	Total: 1,2 Cromo: 1,6 Mono: 0,8	Total: 0,6 Cromo: 0,8 Mono: 0,5	Total: 5,5
Est. Prevalente	Cromo: X, VIII Mono: variável	Cromo: III Mono: VII	
M:m:m' (médio)	0,3:0,7:1,4	0,5:0,6:0,1	2,9:2,0:0,6
RL médio	Total: 1,8 Cromo: 1,9 Mono: 1,7	Total: 0,1 Cromo: 0,1 Mono: 0,1	Total: 1,3
Est. Prevalente	Cromo: VIII, IX Mono: VI	Cromo: var. Mono: var.	
L:l:l' (médio)	1,9:0,7:1,0	0,2:0:0	
RPS Médio	Total: 0,6 Cromo: 0,5 Mono: 0,7	Total: 0,4 Cromo: 0,4 Mono: 0,4	Total: 2,3
Est. prevalente	Cromo: IX, X Mono: VII	Cromo: var. Mono: VI	
Ps:ps:ps' (médio)	0,5:0,4:0,3	0,3:0,6:0	1,7:0,6:0

SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO
REPRODUÇÃO PROIBIDA

Conclusões:

O determinante L, quer como fator exclusivo, quer associado à forma, é elaborado principalmente nos estímulos cromáticos, e particularmente na IX prancha, em pequenas áreas, raramente percebidas pela população média, interpretado na maioria das vezes como pormenor humano ou animal (especialmente faces e olhos ameaçadores).

O determinante l', quer como fator exclusivo, quer associado à forma ou às respostas cromáticas, é elaborado tanto nos estímulos cromáticos (II) como nos monocromáticos (VI), em áreas de maior extensão, e interpretado na maioria das vezes como deterioração orgânica em figuras animais ou isoladamente, ou como consistência mole e repulsiva de pe-

quenos animais.

B) Sensação Subjetiva de Controle Externo no desempenho de Movimentos Autônomos

A projeção de movimentos de forças abstratas ou de seres inanimados implica em atitude mental muito subjetiva, geralmente relacionada com grande capacidade de abstração e de auto-observação.

Segundo o sistema de Silveira, o determinante m' inclui não apenas os referidos movimentos inanimados, mas também, aqueles que, embora referentes à figura humana ou animal, não decorre da forma em questão, precisando - se como interpretação subjetiva de intervenção de forças externas, quer bloqueando, quer desencadeando movimentos

Estímulo	Área	Determinante	Conteúdo
Conjunto Mono	G=7%	m(L)=38%	an=16%
	P=36%	F(L)=40%	A=42% (pA=64%)
Conjunto Cromo 67% (IX-41%)	p=57%	L=57%	H=42% (pH=71%)

Fator L (Nº de associações:33)

Estímulo	Área	Determinante	Conteúdo
Conjunto Mono 48% (VI-30%)	p=10%	C(1')+CF(1')=24%	H= 11%
	G=38%	F(1')=28%	art,Na:19%
Conjunto Cromo 52% (II-36%)	p=52%	l' = 48%	A=28% (pA=9%)
			an= 28%

Fator l' (Nº de associações:21)

2.3 Estudo Específico dos Determinantes que prevalecem no Grupo "Ansioso"

A) Sensibilidade às Gradações de Luminosidade

A percepção dos nuances de tonalidades nos diversos estímulos da prova de Rorschach foi elaborada pelos probandos "ansiosos" de dois modos distintos: a) a utilização dos matizes de luz, dando corpo a formas precisas, reconstruídos através da combinação de diferentes efeitos dos tons apreendidos. Tal construção resulta de esforço dedutivo na busca de "significados" ou "indícios" aos fenômenos observados pelo indivíduo (L ou FHD de Binder); b) captação da distribuição difusa dos sombreados, percebida como efeito de transparência, como difusão da luz sem participação da forma, provocando frequentemente impressão subjetiva de maciês, de decomposição ou patologia de tecidos vivos. Tais associações traduzem

impressões de ordem mais afetiva e passiva diante dos estímulos (l' ou Hd de Binder)

Nos protocolos em exame tanto as respostas L como l' (quer como determinantes principais, quer como adicionais) acompanham-se de reações predominantemente disfóricas associadas à impressão de ameaça oriunda do meio externo ou do orgânico.

A expressão das respostas L e l' (principais e adicionais) apresenta as seguintes características:

nos seres vivos.

Em nosso grupo de exami -
nandos "ansiosos", o determi -
nante m' aparece como movi -
mentos espontâneos das figu -
ras percebidas. De modo a
tornar mais explícita essa
distinção de mecanismos, de -
signamos os dois tipos de m'
respectivamente, como $m'1$ e
 $m'2$ ($m'1$ seres inanimados ;
 $m'2$ bloqueio).

A expressão do determinan -
te m' nos protocolos pode
ser sintetizada da seguinte
maneira:

Tipos de m'	Estímulos	Área	Conteúdo
$m'1 = 15\%$	Conjunto Mono 40% (VII) 37%)	P= 5% G= 35%	ab+obj=20% A= 30%
$m'2 = 85\%$	Conjunto Cromo 60%	P= 60%	H= 50%

Fator m' (Nº de associações: 20)

Conclusão:

Prevalecem no grupo de "ansiosos" a percepção de "ansiosos" a percepção de forças externas, de ordem abstrata ou exercida por seres agressivos, que atuam principalmente sobre figuras humanas, impedindo sua ação ou ligando-se entre si. Tais percepções ocorrem principalmente nos estímulos cromáticos (VIII) e em áreas extensas, frequentemente selecionadas pela população média.

C) Percepção de Tridimensionalidade em que Prevalece a Impressão de Afastamento ou de Profundidade

A resposta da tridimensionalidade em que o elemento perspectiva se apresenta em abstrato, isto é, sem levar em conta a configuração da mancha - ou do espaço em bran-

co - é extremamente rara. Ela não ocorreu em qualquer dos protocolos dos grupos "violento" e "normal", mas foi detectada em tres protocolos do grupo de "ansiosos" como de determinante principal, além de aparecer em duas associações, como referências adicionais. Tais associações ps' foram assinaladas nas pranchas I, II, VII (dois casos) e IX- e foram interpretadas pelos examinados como "abismo", "vazio" "amplidão", "brecha profunda. As respostas "ps" parecem caracterizar o nosso grupo de "ansiosos" na medida em que o mesmo dinamismo psicológico também aparece como "mecanismos de reação", que denominamos "referência ao vazio" em 80% dos protocolos.

2.4 Estudo Específico dos Mecanismos de Reação que Prevalencem no Grupo "Ansioso"

A) Mecanismos Específicos na Seleção de Áreas: Observação dos Estímulos

Os mecanismos mais frequentemente observados no grupo de pacientes "ansiosos" foram: observação da simetria de figuras laterais percebidas como "duplos"; respostas de **potencial inibitório** (p' ou Do); respostas determinadas pela observação da "**posição**" das manchas (POS) e, enfim, referências indicativas de sensibilidade ao vazio, ainda que não integradas em uma resposta específica (que no caso seriam as ps') **Ref. V.**

A distribuição desses mecanismos nos protocolos exa-

minados apresenta as seguintes características:

Mecanismo	Frequência	Nº de associações	Estímulos Prevalentes
"Duplo"	50% casos	12	Cromo: 92% (VIII 45%)
p'	60% casos	8	Mono+Cromo: (IV, II, III, 75%)
"POS"	50% casos	11	Cromo: 90% (III 60%)
"REF V"	80% casos	13	Cromo: 61% (II, VII, IX)

B) Mecanismos Relativos à Construção de Imagens: Elaboração dos Estímulos

Dentre os mecanismos observados citaremos apenas aqueles mais frequentes:

1. **Perserveração Temática** -

90% dos protocolos: menção de uma mesma característica ou significado nas diferentes figuras percebidas. Prevalecem as referências: "olhos", "garras", "doença", "rosto" e, com menor frequência, "sexo".

2. **Ligação de Imagens** - 70% dos protocolos: esforço em ligar arbitrariamente diferentes imagens percebidas. Foram assinaladas 11 ocorrências, sendo 82% no conjunto de estímulos cromáticos, particularmente na X, como esforço de integração de áreas dispersas.

3. **Fabulação** - 70% dos protocolos: projeção de sentimentos ou de propósitos nas figuras percebidas. Foram assinaladas 32 ocorrências, distribuídas tanto nos estímulos monocromáticos como nos coloridos, mas concentrando-se especialmente na X prancha (18% das associações).

4. **Integração Temática** - 50% dos protocolos: corresponde a um caso particular dos mecanismos de "ligação de imagem" e "fabulação" que decorre de uma impressão dominante provocada por uma determinada prancha e que se explicita em diferentes associações reunidas sob um mesmo "tema". Ex.: na prancha IV a impressão provocada pelos tons sombrios irá intervir na atribuição de significado de

"magia ou feitiço" às diferentes associações fornecidas pelo sujeito: morcego, sujeira, floresta. Foram assinaldas 13 ocorrências desse mecanismo, sendo 61% no conjunto cromático e particularmente nas pranchas IX e II. Os temas mais frequentes foram: "prisão-liberdade", ameaça-magia", "doença-morte". Assinalamos sete temas específicos.

C) Ocorrência de "Choque Psicológico"

A expressão do "choque psicológico" traduz reação emocional ansiosa desencadeada pela percepção de determinados estímulos da Prova de Rorschach. Silveira considera "choque" a reação predominantemente subjetiva ao estímulo colorido ou ao sombreado, denominadas, respectivamente, como "choque afetivo" e como "choque emocional".

Para o estudo de nosso grupo de examinandos utilizamos o critério de avaliação mais rigoroso preconizado por Silveira (6). Segundo esse autor, a tendência em se considerar como "choque" pequenos desvios no comportamento, subjetivo ou explícito, em pranchas isoladas, retira ao conceito dessa incidência a indispensável precisão.

Assim, só admitimos como positivo o fenômeno que se reflete no "conjunto" de pranchas coloridas. Reações isoladas a determinadas pranchas podem assumir valor diferencial, porém não serão rotuladas como "choque".

Os desvios psicodiagnósticos que traduzem o fenômeno de choque psicológico foram reunidos por Silveira em uma escala de dez sinais decrescentes, quanto à intensidade do dinamismo, em cada conjun-

to de pranchas - monocromático e colorido (Silveira, 1970; Coelho, 1980).

Para calcularmos a ocorrência de "choques", atribuímos valores ponderais específicos aos desvios, em função da importância do comprometimento mental revelado por cada um deles.

Assim, para o 1º sinal - Rejeição de uma ou mais pranchas - nós atribuímos o valor máximo de choque, ou seja, três pontos. Para o conjunto que inclui do 2º ao 5º sinal, atribuímos o valor de dois pontos, e aos demais sinais, apenas um ponto. Consideramos como significativa de choque a somatória de oito ou mais pontos.

O exame dos protocolos de nosso grupo de examinados apresentou os seguintes

resultados:

CHOQUE CROMÁTICO OU "AFETIVO"

Desvios decorrentes de reação afetiva imediata, impulsiva, aos estímulos coloridos:

Protocolos	Sinais	Somatória	CHC
1.	3º, 4, 10º, 6º	6 pontos	- Chc
2.	1º, 2º, 3º, 4º, 7º, 9º	10 pontos	- Chc
3.	3º, 5º, 7º, 9º, 10º	7 pontos	- Chc
4.	3º, 4º, 5º, 7º, 9º	8 pontos	Chc
5.	1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º	12 pontos	Chc
6.	3º, 4º, 5º, 6º, 10º	8 pontos	Chc
7.	3º, 4º, 5º, 6º, 7º	8 pontos	Chc
8.	2º, 4º, 5º, 10º	7 pontos	- Chc
9.	2º, 3º, 4º, 6º, 7º, 9º, 10º	10 pontos	Chc
10.	1º, 3º, 4º, 7º, 8º	9 pontos	Chc

CHOQUE DE LUMINOSIDADE OU EMOCIONAL

Desvios decorrentes de sensibilidade emocional exagerada e busca ativa de "significados" em estímulos monocromáticos.

Protocolos	Somatória	CHC
1.	11 pontos	Ch1
2.	10 pontos	Ch1
3.	8 pontos	Ch1
4.	10 pontos	Ch1
5.	12 pontos	Ch1
6.	11 pontos	Ch1
7.	14 pontos	Ch1
8.	10 pontos	Ch1
9.	11 pontos	Ch1
10.	13 pontos	Ch1

Portanto, assinalamos a presença de Ch1 em 100% dos examinados e a de Chc em 70%, sendo a soma ponderal de sinais da série Ch1 superior àquela da série Chc em 80% dos protocolos. No conjunto de Chc os sinais mais frequentes foram o 3º e o 4º (em 90% dos casos) - correspondendo, respectivamente, à ausência de respostas de movimento ou prevalência das respostas m', e ausência de respostas cromáticas ou prevalência das respostas C e CF - no conjunto de estímulos coloridos. No conjunto Ch1, os sinais mais frequentes foram o 5º (100% dos casos) e o 3º (90% dos casos) correspondendo, respectivamente, a desvios na frequência de respostas "vulgares", elevação na porcentagem A, acompanhada de inversão da proporção H:pH ou ausência de respostas "humanas"; e, para o 3º sinal - ausência de RM, ou

prevalência das respostas m' e desvio na proporção M:Ps.

2.4 Atribuição de Significados aos Estímulos

Estudos dos conteúdos:

A) Integração das Imagens:

A:pA - proporção invertida em 90% dos casos

H:pH - proporção invertida em 100% dos casos

B). Categorização Valorativa às Figuras Percebidas:

Animais

50% dos protocolos
100% dos protocolos
50% dos protocolos
80% dos protocolos

Humanas

40% dos protocolos
80% dos protocolos
50% dos protocolos
100% dos protocolos

Positiva
Neutra
Agressiva
Mórbidas

Associações prevalentes:

- **Figuras humanas:** associações "mórbidas" - isto é, a atribuição de deformações, ameaças ou doenças - prevalecem sobre as demais em 70% dos protocolos (especialmente nas pranchas II e IX; nos restantes prevalecem as figuras "neutras" ou genéricas.

- **Figuras animais:** associações "neutras" prevalecem em 90% dos protocolos; apenas em um caso as associações "mórbidas" ocorrem em igual número que as "neutras".

C) Grau de realismo das imagens:

Animais

100% dos protocolos
40% dos protocolos
60% dos protocolos

Humanas

70% dos protocolos
60% dos protocolos
100% dos protocolos

Concreta
Mítica
Orgânica

Associações prevalentes:

- **Figuras humanas:** associações "orgânicas" - onde incluímos os conteúdos anatomia, sangue, feto, ferimentos, cadáver - prevalecem em 70% dos protocolos; nos casos restantes prevalecem as imagens concretas, mais realistas e comuns.

- **Figuras animais:** prevalência das associações "concretas", realistas, em 100% dos casos.

Conclusões:

A busca de "significados" geralmente de caráter disfórico ou ameaçador, em pormenores pouco evidentes, onde a delimitação formal externa passa despercebida enquanto são valorizados os nuances de luminosidade (L, l'); a atribuição de causas exter-

nas exercendo bloqueio ou desencadeando movimentos em figuras humanas, em grande parte percebidas em contexto mórbido ou como seres passivos (m'²;H); a sensibilidade ao "vazio" apenas referido ou elaborado em termos de profundidade não limitada por contornos formais (Ref. v. ou ps'); a necessidade em estabelecer ligações mesmo arbitrárias, entre aspectos díspares da experiência perceptual ("ligação"); a imposição de interpretações subjetivas apenas determinadas pela posição dos estímulos ou sobredeterminadas por preocupações prevalentes do probando (Pos, Fab , Perseveração, Tema); a dificuldade em apreender as imagens humanas ou animais de modo integral, com destaque arbitrário de aspectos secundários ou parciais (pH, pA, p') constituem reações e construções que predominam na expe-

riência perceptual de examinandos ansiosos, quando avaliada através do método de Rorschach.

O contraste entre a elevada reatividade aos estímulos coloridos e a dificuldade em integrá-los como respostas cromáticas (Af., RC) deve ainda ser considerado como um dado importante para o estudo da integração afetiva de indivíduos ansiosos.

As três últimas pranchas coloridas (VIII-X) estimulou de preferência a atividade associativa de nossos examinandos. Nesses estímulos (e especialmente na IX prancha) incide com maior frequência as elaborações e os mecanismos que caracterizam os protocolos do grupo "ansioso".

Nas pranchas II e III, onde os estímulos monocromá-

ticos se associam à cor vermelha, observa-se um número relativamente menor de associações, ocorrendo, inclusive, "rejeição" da II em dois protocolos. Neles computamos, com maior frequência, perceptos elaborados de modo particularmente subjetivo, como l' e ps' e mecanismos de "posição", ou, ainda, pormenor inibitório.

A expressão de alterações conjuntas do trabalho mental dos probandos, que caracterizam o "choque cromático", ocorre nesses protocolos com menor intensidade e com menor frequência que aquela verificada no conjunto de estímulos monocromáticos. O resultado do exame dos desvios observados nos parece compatível com a interpretação do "choque cromático" como fenômeno que traduz conflitos atuais, transitórios, ligados a situações

específicas e de caráter "pe-
riférico", na acepção de
Blinder.

Em relação aos estímulos
monocromáticos, a desorgani-
zação do trabalho mental é
mais intensa, porém menos
específica que aquela obser-
vada no conjunto de estímu-
los cromáticos. Assim, a in-
cidência das construções e
dos mecanismos que prevale-
cem no protocolo total dos
ansiosos faz-se de modo mais
diversificado, não havendo
concentração de uma dessas
características em uma das
pranchas monocromáticas. Com
exceção da ocorrência de me-
canismo de "rejeição", prin-
cipalmente da prancha VI (em
quatro dentre os seis proto-
colos onde houve rejeição),
todas as demais caracterís-
ticas assinaladas no psico-
grama dos nossos examinandos
distribuem-se com menor in-

tensidade entre as pranchas
monocromáticas.

Entretanto, é nesse con-
junto de estímulos que ocorre
maior perturbação do trabalho
mental: em todos os examinan-
dos foi assinalado o "choque
emocional" e em grau bem supe-
rior àquele avaliado nos ca-
sos de choque cromático. A an-
siedade que o Ch1 traduz é de
ordem mais grave, atingindo
toda a personalidade do exami-
nando, expressando um distúr-
bio emocional mais permanente
e de ordem "central", segundo
a terminologia de Blinder. O
baixo limiar de sensibilidade
aos eventos considerados po-
tencialmente como perigosos,
quer a ameaça seja real ou
imaginária, quer provenha do
meio externo ou interno, faz
com que os nossos examinandos
sintam-se subjulgados pela in-
segurança em suas experiên-
cias interpessoais.

O fenômeno psíquico inter
pretado como "ansiedade" pare
ce traduzir-se de modo especí
co nos fatores da Prova de
Rorschach.

A confirmação razoável de
nossas verificações deverá
ser efetuada em trabalhos
mais pontuais e que abranjam
maior número de examinandos.



TABELA 1

KRUSKALL-WALLIS e QUI-QUADRADO

Kruskall- Wallis			Qui- Quadrado		
Teste	x	Signif.	Teste Sinais	x	Signif.
RPC	3,16	n.s.	X ₁ Sinal Fc+	7,81	0,02
RL	18,82	0,0001	X ₂ Sinal FG	6,50	0,01
L	18,60	0,0001	X ₃ Sinal C	20,80	p<0,001
RM	11,11	0,0039	X ₄ BNS	9,14	0,0025
M	12,13	0,0023	X ₅ Cont. Formal	57,67	p<0,001
MONOF	15,06	0,0005	X ₆ Mec.Ref.Pes.	4,34	0,037
CROMOF+	17,82	0,0001	X ₇ Mec.Hostil.	5,58	0,0181
RC	8,69	0,0129	X ₈ Mec. Rpt	8,51	0,0035
C	6,63	0,0364	Mec.Pplx	6,50	0,0108
PC	4,93	n.s.	Cat.Neutra	4,26	0,0390
			Cat.Agressiva	4,34	0,0372

TABELA 2
MANN - WHITNEY

TESTE	GRUPOS		
	61/62	61/63	62/63
	Signif.	Signif.	Signif.
RPS	n.s.	n.s.	n.s.
RL	n.s.	p 0,0001	0,0004
L	0,0392	p 0,0001	0,0005
RM	0,0007	n.s.	n.s.
M	0,0002	n.s.	n.s.
MONOF+	0,0006	n.s.	0,0027
CROMOF+	0,0001	0,0038	n.s.
RC	0,0396	0,0097	n.s.
C	n.s.	0,0386	0,0131
PS	0,0028	n.s.	n.s.
CROMOZ2	--	0,0106	--
MONOZ2	--	n.s.	--
CROMOZ1	--	n.s.	--
MONOZ1	--	n.s.	--
CROMOIp	--	0,0003	--
MONOIp	--	0,0008	--
SELETIVIDADE NI	--	0,0006	--
NM	--	n.s.	--
NS	--	0,0017	--

G1 - Grupo Violento; G2-Grupo Normal; G3- Grupo Ansioso
NI - Nível Inferior; NM-Nível Médio ; NS- Nível Superior

BIBLIOGRAFIA

1. BEC, S.J. **The Rorschach Experiment, Ventures in Blind Diagnosis.** New York, Grune & Stratton, 1960.
2. COELHO, L. **Reações aos estímulos coloridos na Prova de Rorschach em probandos clinicamente impulsivos .** II Congresso ALAR, Brasília, 1972.
3. COELHO, L. **Epilepsia e personalidade: psicodiagnóstico de Rorschach, entrevistas e anamnese herogologica em 102 examinados.** São Paulo, Ed. Ática, 1980.
4. COELHO, L. **Troublés émotionnels chez épileptiques à crises partielles frontales et extra-frontales.** Enquête retrospective. Marseille, 1986.
5. SILVEIRA, A. **"Impulsiviness anda ways of Mastering it Rorschach Data with 100 adults".** VII Rorschach International Congress, London, 1968. Rorschach Proceodings. Bern, Huber, 1970, p. 479-93.
6. SILVEIRA, A. **Prova de Rorschach. Elaboração do Psicograma.** Ed. Brasileira, 1985.

APREENSÃO E REPRESENTAÇÃO DE IMAGENS E PROTOCOLOS DE
RORSCHACH DE EXAMINANDOS "VIOLENTOS" ****

DRA. LÚCIA COELHO* DR. ROBERTO FAZZANI NETO**
DR. AUGUSTO ABADE***

Embora reconhecendo o valor dos dados fornecidos pela prova de Rorschach, interpretados segundo uma perspectiva individual e dinâmica, indispensável ao clínico para o estudo de casos particulares, consideramos na Sociedade de Rorschach de São Paulo que o material perceptual que esta prova nos oferece possa também ser utilizado como um instrumento de exame e de esclarecimentos de processos psíquicos de ordem mais geral investigados em neuropsicologia e em antropologia cultu-

ral.

Nosso trabalho constitui uma proposição para a sistematização dos fatores de Rorschach de modo a permitir o exame e a avaliação de processos psíquicos incluídos em paradigmas experimentais e mesmo em modelos teóricos sobre fenômenos psicológicos.

Partindo de um enfoque cognitivista, postulamos uma distinção metodológica entre "níveis" e "modos de trata-

-
- * ** Profs. na Sociedade Rorschach de São Paulo
*** Pesquisador do Instituto de Antropologia, Coimbra
**** Trabalho apresentado no XII Congresso Internacional de Rorschach e Técnicas Projetivas.

mento" dos estímulos perceptuais padronizados por H. Rorschach : as relações entre os diferentes "níveis" serão do tipo vertical e interdependentes, enquanto que as "modalidades de tratamento" se distribuem de modo horizontal e com possibilidades variáveis de ocorrência.

Nos diferentes níveis de tratamento dos estímulos distinguimos : a captação seletiva das áreas nas diversas pranchas - que corresponde aos processos ligados à atenção e à organização perceptual; a construção das imagens - que depende dos processos de elaboração e representação psíquica; e a categorização dos significados das associações verbais - re-

lacionada ao processo de simbolização e expressão.

Examinaremos aqui um paradigma experimental que propõe a consideração do papel da percepção, da representação, do julgamento e da atribuição de significados - enquanto fenômenos cognitivos, na determinação do processo emocional.

Consideramos, em particular, um tipo de distúrbio emocional que se expressa como liberação intensa e incontrolável de um impulso afetivo, destrutivo, tendo como resultado o comportamento violento. Neste caso, supomos que a alteração básica situa-se a nível de controle cognitivo das expressões afetivas, distinguindo-se dos dis-

túrbios afetivos básicos observados em indivíduos neuróticos ou com determinados tipos de psicose e que também possam ter praticado atos de extrema violência.

SUJEITOS: Nosso grupo compõe-se de 15 indivíduos com distúrbios de caráter, homicidas, de ambos os sexos e com idade variando de 17 a 55 anos. Esses examinandos foram selecionados dentre 20 casos, tendo sido 14 deles submetidos à perícia psiquiátrica para a feitura de laudos judiciais: dez deles efetuados pelo Dr. Fazzani Neto e quatro pelo Dr. Timsit. O estudo dos 20 protocolos faz parte de uma pesquisa mais extensa em neuropsicologia das emoções. Para o presente trabalho, selecionamos apenas os casos em que a extrema violência com que foram cometidos os crimes contrasta com a

"frieza de sentimentos" revelada pelos seus autores, além do caráter prosaico e relativamente neutro do contexto situacional que desencadeou a reação agressiva dos pacientes.

O comportamento violento dos examinandos pode ser caracterizado de modo sintético como: a) liberação de agressividade ocorrida durante a vigília e facilmente evocáveis, e que não acarretam sentimentos de culpa ou de horror em seus autores; b) atos brutais cometidos antes (espancamento ou torturas) ou após a morte de suas vítimas (ingestão das vísceras do cadáver, extirpação dos testículos ou esfacelamento do corpo, consumo de refeição colocada sobre o cadáver); c) agressão contra indivíduos indefesos (velhos, mulheres, crianças) ou impos

sibilitados de reagirem (atacados durante o sono ou pelas costas). Dentre as vítimas, nove eram parentes próximos dos criminosos (mãe , pai, filha, sogros, esposa) e demais eram seus amigos ou companheiros de trabalho. E enfim, todos os crimes foram cometidos por motivos aparentemente fúteis e discrepantes, com a intensidade do ato destrutivo.

No quadro I apresentamos os dados relativos à identificação e ao diagnóstico atribuído aos 15 examinandos.

PROCEDIMENTO: Os protocolos de Rorschach foram avaliados e seus resultados agrupados segundo os três níveis de tratamento dos estímulos perceptuais.

A) NÍVEL DE CAPTAÇÃO DOS ESTÍMULOS E DISTRIBUIÇÃO DA ATENÇÃO

Modos de tratamento dos estímulos perceptuais:

I. Apreensão e seleção dos estímulos para a estruturação do percepto e grau de seletividade

1º - Grau inferior - tratamento das propriedades configuracionais das manchas apreendidas como unidade simples. Os estímulos se impõem à atenção do observador devido às suas qualidades estruturais de simetria de ritmo espacial, de nítida demarcação de seus limites ou de unidade homogênea e simples - que caracteriza a pregnância das "boas

formas" em gestalt. Tais estímulos correspondem, no Rorschach, aos Pormenores Primários isolados (Pi) e às Globais simples imediatas (Gi). O observador reage à impressão imediata que resulta de uma associação por analogia (semelhança) de imagens evocadas, caracterizando mais um processo de "reconhecimento" que de interpretação ativa.

2º- Grau médio: em que ocorre extração e identificação de aspectos dos estímulos que frequentemente passam despercebidos pela maioria, quer por sua reduzida extensão e pela posição que ocupam no conjunto de estímulos apresentados (pequenos pormenores), quer por se apresentarem como espaços em branco (espaços primários)

integrados na percepção como "fundo" de uma figura principal. A apreensão desses estímulos já exige maior esforço da atenção e supõe um tipo de observação analítica, porém, tais estímulos evocam, como no grau inferior, associações imediatas por semelhança, ainda que, nesse caso, o "reconhecimento" se acompanhe de um certo grau de construção perceptual.

3º Grau superior: em que ocorre a extração, a identificação e a recombinação de diferentes porções do estímulo em uma construção mais complexa. Nesse caso, o observador opera segundo um modo mais analítico-sintético, buscando inicialmente as diferenças que uma vez identificadas, pas-

sam a se articular em uma "interpretação" de ordem mais ativa e pessoal. A precisão e coerência dessa "interpretação" já constitui um aspecto mais ligado à elaboração da imagem do que à observação do estímulo.

No Rorschach o examinando efetua uma seleção combinatória entre diversas porções dos estímulos (diferentes P interligados podendo ou não abranger toda a mancha: Pc ou Gc) ou entre manchas e espaços em branco (P ou p (E) e GE).

II. Capacidade em manter estável a atenção para o julgamento objetivo dos estímulos - eficácia do controle intelectual

Esse modo de tratamento

dos estímulos formais já se situa em posição intermédia entre a seletividade perceptual e a construção de imagens, porém, depende fundamentalmente da capacidade atual do indivíduo em manter estável a sua atenção, focaizando-a nas propriedades da situação externa. Adotamos, aqui, a avaliação das "formas bem vistas", segundo o critério estatístico proposto por H. Rorschach e aperfeiçoado por S. Beck e seus seguidores. Para obtenção de informações mais precisas, distinguimos o valor de F+ para o conjunto de pranchas coloridas e para o conjunto monocromático - conforme o procedimento estabelecido por A. Silveira e sua escola.

III. Mecanismos inusuais que interferem na seleção dos estímulos

Alterações mais graves no processo seletivo da atenção e maior interferência de subjetivismo na apreciação do estímulo poderão traduzir-se no Rorschach pela ocorrência de mecanismos inusuais de reação ao nível de captação dos estímulos. Como já os descrevemos em trabalho anterior (Coelho, 1980), apenas analisaremos sua ocorrência em nosso grupo de examinandos: Contaminação, Posição, Pormenor inibitório (p' ou Do) e confabulação (PG ou p'').

B) ELABORAÇÃO DAS IMAGENS PERCEPTUAIS

Modos de tratamento dos estímulos na construção de imagens:

I. Organização das construções

A construção de imagens supõe um determinado tipo de elaboração predominantemente indutivo ou dedutivo dos estímulos selecionados. Avaliaremos o grau de elaboração dos perceptos a partir do índice Z, de Beck, porém, distinguiremos entre as construções de caráter racional e objetivo - em que não apenas prevalece o determinante formal, como também, se baseiam em articulações precisas e coerentes de seus aspectos: designadas pelo índice Z1; das construções de ordem primordialmente impressivas e subjetiva - prevalência de determinantes não-formais e baseadas em associações subjetivas e mesmo sincréticas: correspondendo ao índice Z2.

II. Nível de Precisão Formal das Imagens

Onde avaliamos a precisão do percepto, independentemente de seu nível de organização e do tipo de fator determinante em sua construção.

Distinguimos entre as imagens estabelecidas de modo preciso, em seu contorno e na articulação de seus pormenores, baseadas em aspectos objetivos na própria estrutura do estímulo - designadas como Ip das imagens cujos contornos são pouco nítidos e onde a evocação e as associações subjetivas são mais determinantes que as qualidades observadas no próprio estímulo - designadas como Iv. Considerando a própria tarefa solicitada pela prova de Rorschach: fornecer associações baseadas em perceptos organizados a partir de estímulos de formas "ambíguas", a expectativa se-

rá a de encontrarmos com maior frequência a Ip que as Iv - em que ocorre um afastamento do observador dos estímulos que lhe são apresentados.

III. Flexibilidade na utilização das características observadas nos estímulos para a construção das imagens

Distinguimos a ocorrência das diferentes categorias de fatores determinantes: cor, luminosidade, movimento, perspectiva e forma, e o nível de integração formal que se opera em cada uma das categorias. Avaliamos, então, a proporção entre os perceptos de tipo RC, RL, RM, RPs e RF e a correlação, em cada uma das categorias das modalidades de resposta.

IV. Interferência de mecanismos inusuais na construção de imagens

A interferência pode ocorrer segundo três modalidades distintas:

1. Afastamento da situação da prova de Rorschach com interferência de **associações "parasitas"**;
2. Alterações no **processo associativo** pela interferência de reações emocionais ou de limitações cognitivas;
3. **Distorções** efetuadas na própria construção das imagens.

Em nosso grupo de examinandos encontramos os seguintes mecanismos em cada uma das modalidades referidas:

1º - **Associações Parasitas:**

1. Referências a experiências pessoais como uma maneira de justificar perceptos vagos e dificilmente objetáveis pelo sujeito.
2. Para-respostas: descrição das manchas, manipulação das pranchas ou críticas pessoais à natureza do estímulo.
3. Liberação imediata de associações que na fase de inquérito são negadas ou esquecidas.

2º - Alterações no processo associativo

1. Respostas em forma negativa ou interrogativa, revelando a insegurança do probando quanto às suas próprias associações
2. Expressão gestual, fisionômica e verbal de hostilidade contra a prova em geral ou quanto à natureza de um estímulo específico.
3. Repetição automática de uma mesma associação em diferentes estímulos da prova.
4. Perplexidade ou rejeição diante de um determinado estímulo traduzido como incapacidade total ou

parcial de fornecer associações.

3º - Distorções da imagem:

1. Incapacidade de integração do estímulo colorido: condenação de cor, nomeação de cor, ou referência ao vermelho como elemento perturbador da imagem percebida.
2. Fragmentação das imagens - percepção de diferentes partes humanas ou animais sem integrá-las em um todo significativo.
3. Sincretismo - superposição de atributos heterogêneos em uma mesma imagem, especialmente de

partes humanas em figuras animais ou vice versa.

animais, as seguintes categorias:

C) CATEGORIZAÇÃO DE SIGNIFICADOS

I. Nível de abstração e de generalização das categorias

Em que distinguimos dois aspectos:

1º - Percepção integral ou parcial das figuras humanas e animais.

2º - Caracterização genérica ou específica das figuras humanas e animais.

II. Atribuição valorativa ao significado das imagens percebidas

Onde distinguimos, em relação às figuras humanas e

1º - Atribuição de qualidades positivas;

2º - Atribuição de características agressivas;

3º - Atribuição de deformidades ou doenças às imagens que são percebidas de modo disfórico;

4º - Percepção neutra das figuras que são descritas de modo superficial e não integradas a uma situação específica.

III. Extensão de interesses traduzida pela ocorrência de categorias de conteúdos além daquelas de figura animal e humana

Agrupamos as categorias

de conteúdos distinguidas na prova de Rorschach em três grupos principais:

- 1º - **Vagas ou cotidianas** : nuvens, lagos, plantas, utensílios domésticos , acidentes geográficos , mapas.
- 2º - **Diferenciadas e específicas**: arquitetura , paisagem, arte, abstratas, ciência, botânica, aparelhos técnicos.
- 3º - **Forças poderosas da natureza ou armas agressivas**: explosões, enchentes, incêndios, erupções vulcânicas, terremotos, ligados a fenômenos da natureza e armas ou cenas de luta, integradas em um contexto de destruição.

D) MÉTODO ESTATÍSTICO E

GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO

O tratamento estatístico dos dados obtidos a partir da análise perceptual dos protocolos foi efetuado por Augusto Abade, pesquisador do Instituto de Antropologia de Coimbra. Além do grupo principal de investigação , utilizamos dois grupos de confronto: um deles composto por examinandos cujos distúrbios emocionais centrais foram designados como "ansiedade" (dez probandos , cinco de cada sexo, com idade variando de 18 a 36 anos) e outro, composto de 15 protocolos extraídos de nossa população normal padrão, de 140 examinandos.

Na análise estatística dos dados utilizaram-se de três testes não-paramétricos Qui-Quadrado (com correção de Yates), Mann-Whitney e

Kruskall-Wallis. Para o primeiro agruparam-se os dados por frequências, em categorias discretas, servindo para determinar a significância das diferenças entre dois grupos independentes: indivíduos cujos índices se incluíam na faixa de variação normal e aqueles que se desviavam dos valores críticos: as categorias referem-se ao comportamento desses mesmos indivíduos, tendo sido divididos em violentos, ansiosos e em alguns testes para os quais se possuíam dados, em normais. A hipótese nula a testar foi a não existência de diferenças entre os dois grupos relativamente à proporção de indivíduos violentos/ansiosos.

O segundo e o terceiro testes utilizaram-se sempre que a experiência permitia atribuir um valor aos indivíduos, sendo estes divididos

em tres grupos: violentos, ansiosos e normais. Os grupos foram comparados dois a dois (Mann-Whitney), ou os tres simultaneamente (Kruskall - Wallis) e a hipótese nula -os grupos pertencentes à mesma população, não diferindo no valor da média testada.

A descrição pormenorizada dos tres testes podem ser encontradas em Siegel (1956).

Foi efetuada, ainda, uma Análise Discriminante para a avaliação dos níveis de seletividade da atenção relativamente aos grupos "violento" e "ansioso". A representação gráfica dos indivíduos, num plano bidimensional, baseou-se na redução da matriz de correlações entre as variáveis, sendo as coordenadas dadas pelos resultados do primeiro vector próprio da matriz (abscissas) e pelo segun

do vector próprio da matriz (ordenadas).

SÍNTESE DOS RESULTADOS

A) DISTRIBUIÇÃO DA ATENÇÃO E JULGAMENTO CRÍTICO

I. Seleção dos Estímulos

1. Prevalência significativa do **nível inferior de seletividade** no grupo "violento".

2. Maior probabilidade de ocorrência do nível 1 (baixo NI) no grupo "violento" e do nível 3 (superior NS) no grupo "ansioso". A ocorrência do nível 2 (médio NM) é variável em ambos os grupos (Tabela estatística 2, Mann-Whitney).

II. Estabilidade da atenção para o julgamento objetivo

1. Rebaixamento significativo de F+ no conjunto de estímulos monocromáticos em ambos os grupos com distúrbios emocionais "violento" e "agressivo", em confronto com o grupo "normal".

2. Rebaixamento significativamente mais acentuado de F+ do conjunto de **estímulos coloridos** no grupo "violento", em confronto com os dois outros grupos (Tabela estatística 2 e 1 Mann-Whitney e Kriskall - Wallis).

III. Mecanismos que interferem na seleção de estímulos

1. Dentre os mecanismos assinalados apenas o da **"generalização forçada"** (PG ou p") ocorre com frequência significativamente superior no grupo "violento"

quando confrontado ao grupo "ansioso" (Tabela 1, Qui-quadrado signal PG).

2. Dentre as 21 ocorrências de PG, 11 delas foram detectadas no conjunto monocromático (particularmente nas pranchas I e VII) e dez outras no conjunto colorido (especialmente na IX).

B) ELABORAÇÃO DE IMAGEM - (REPRESENTAÇÃO PSÍQUICA)

I. Organização das construções

1. No grupo "violento" a capacidade de organização dos perceptos acha-se **rebaixada** de modo geral: independentemente da natureza dos estímulos e da qualidade das construções (racional, ou Z1, e arbitrária Z2, Ta

bela 3).

2. No grupo "ansioso" o valor do índice Z2 é significativamente mais elevado do que aquele do grupo "violento", em relação ao conjunto de estímulos cromáticos (Tabela 2).

II. Precisão Formal das Imagens

1. A ocorrência de "imagens precisas" (I_p é significativamente **inferior** no grupo "violento" em confronto com o grupo "ansioso, tanto em relação aos estímulos **monocromáticos**, como aos **coloridos** (Tabela 2).

III. Utilização dos Fatores Determinantes

1. Respostas Cromáticas:RC

-A produtividade de RC no grupo "violento" é significativamente maior que aquela observada nos grupos "ansioso" e "normal" (Tabelas 1 e 2).

-No grupo "violento" ocorre predomínio significativo das CF, C e nC sobre as FC. Nesse grupo, as FC ocorrem no máximo uma vez em cada protocolo (aferidas apenas em tres protocolos, ausente nos demais). A ocorrência de C é significativamente mais elevada no grupo "violento" quando confrontado ao grupo "ansioso" (Tabelas 1 e 2).

2. Respostas de Movimento:

RM

-No grupo "violento" a ocorrência de RM é significativamente inferior à observada no grupo normal (Tabelas 1 e 2).

-Os grupos "violento" e "ansioso" diferem apenas quanto a produção de respostas de movimento inanimado ou de bloqueio praticamente ausentes no primeiro grupo e elevadas no segundo. Valores médios em $G_1:1,4$ e em $G_2:0,1$.

3. Respostas de Luminosidade: RL

-A ocorrência de RL não difere nos grupos "violento" e "normal", porém em ambos os grupos ela é significativamente inferior ao grupo

"ansioso" (Tabelas 1 e 2).

4. Respostas de Perspectiva: RPs

-Não há diferença entre os três grupos quanto a ocorrência de RPs (Tabelas 1 e 2).

5. Ocorrência de Controle Formal

-No grupo "violento" a baixa ocorrência de determinantes em que prevalece o aspecto formal (FC, M, L e Ps), associada à redução de F+, particularmente no conjunto de estímulos coloridos, constitui um aspecto diferencial em relação aos demais grupos. Tal resultado deve ser correlacionado com a elevação do índice de impulsividade R (II-III/VIII a X), obtido em outra pesquisa com os mesmos examinados (Tabela estatística

1, Qui-Quadrado).

IV. Mecanismos que interferem na construção de imagens.

1. O confronto entre os grupos "violento" e "ansioso" revelou haver diferença significativa entre eles, no sentido de maior frequência no "violento", dos seguintes mecanismos: "Referência Pessoal (Interpretações parasitas); "Hostilidade", "Repetição" e "Perplexidade" - alterações no próprio processo associativo (Tabela estatística 1, Qui-quadrado).

2. Os mecanismos designados como "Ref. Pessoal" e "Hostilidade" ocorrem predominantemente nas duas primeiras pranchas da prova e se distribuem de modo semelhante

nos conjuntos monocromá
ticos e coloridos (29
ocorrências de Ref. Pes
soal e sete de Hostili-
dade).

3. O mecanismo "Rpt" foi assinalado em 13 dentre os 15 protocolos do grupo "violento" e aparece em pelo menos tres pranchas do Rorschach.
4. O mecanismo "Perplexidade" distribui-se igualmente nos conjuntos monocromáticos (13 ocorrências) e no grupo colorido (12 ocorrências) predominando especificamente nas pranchas (IV, III e VIII).

C) CATEGORIZAÇÃO DOS SIGNIFICADOS

I. Grau de abstração e de generalização das catego -

rias

1. A inversão da proporção teórica de "3:1", em relação às figuras humanas. H:pH, ocorre igualmente tanto no grupo "violento" como no "ansioso".
2. A categorização "genérica" ou inespecífica das figuras humanas e a categorização "específica" ou particular das figuras animais, constitui uma característica do grupo "violento".

II. Atribuição Valorativa das Imagens Humanas ou Animais

1. Atribuição variável e não significativa de significados particulares (agressivos, disfóricos, positivos) às

figuras humanas ou animais percebidas pelos examinandos.

III. Outras Categorias de Conteúdo

1. As categorias designadas como "vagas" prevalecem sobre as demais categorias de conteúdo, de modo significativo no grupo "violento" (Tabela 1, Qui-Quadrado).
2. A ocorrência isolada da categoria designada como "agressiva"- que abrange fenômenos da natureza ou objetos de agressão - é significativamente superior no grupo "violento" quando confrontado com o grupo "ansioso" (Tabela 1, Qui-Quadrado).

CONCLUSÕES

A) CAPTAÇÃO DOS ESTÍMULOS E DISTRIBUIÇÃO DA ATENÇÃO

Os examinandos "violentos" revelam dificuldades particulares diante dos estímulos da prova de Rorschach, cuja interpretação supõe uma análise preliminar que corresponde à atividade orientadora de estabilização da atenção para a seleção entre as diferentes possibilidades oferecidas pelo material perceptual.

I. No exame e seleção dos estímulos

1. Diante de estímulos complexos, revelam tendência a reagir segundo impressões imediatas, sem exame preliminar dos di

ferentes aspectos de modo a destacá-los para em seguida reagrupá-los em uma estrutura significativa. Percebem apenas os aspectos mais evidentes, que se impõem por si mesmos e não implicam em maior controle da atenção (Sinal BNS - Figura 2 representa o elevado valor discriminante desse sinal).

2. A observação parcial de apenas um pormenor do estímulo leva os examinandos a dele retirar generalizações impulsivas e não submetidas ao julgamento crítico quanto a pertinência da interpretação (Sinal PG).

3. A dificuldade em estabelecer a atenção para o exame objetivo dos estí

mulos, torna-se especialmente acentuada diante das manchas coloridas, que mobilizam de modo direto as reações afetivas (Sinal F+c).

B) ELABORAÇÃO DE IMAGEM - REPRESENTAÇÃO PSÍQUICA

Evidencia-se uma alteração no processo de determinação de relações abstratas, fundamentais à elaboração de uma síntese pessoal de valores e normas pessoais que são indispensáveis ao comportamento autônomo e refletido, integrado às condições sociais.

I. Na organização das construções e na precisão formal das imagens

Os estímulos são interpretados segundo constru -

ções superficiais e mal definidas (Iv) e não suficientemente integradas no processo de reorganização de experiências (Z1 - Sinal CT formal).

II. Na expressão dos afetos

Os examinandos reagem predominantemente aos estímulos coloridos, não conseguindo integrá-los de modo formal em suas construções. Tal aspecto do protocolo, associado à evidência de controle cognitivo insuficiente (redução do controle formal e elevação do índice de impulsividade) sugerem a ocorrência de expressão pueril e intensa dos afetos (Sinal C) e de liberação de reações impulsivas, não controladas pelo julgamento refletido (Sinal CT) nem inibidas por bloqueio emocional (ausência de m').

III. No modo de reagir às situações complexas e não habituais, representadas pelos estímulos de Rorschach

1. Diante de determinadas pranchas do Rorschach examinandos revelam maior dificuldade de interpretação, de notam **perplexidade** e não superam a impressão de caos.
2. No início da prova, ao serem solicitados a expressarem um julgamento sobre o significado de situações ambíguas, os examinandos poderão reagir quer de um modo francamente **hostil**, quer adotem uma atitude evasiva, afastando-se da tarefa com **considerações não pertinentes**, relativas à sua vida

pessoal. Em ambos os casos, eles não tomam consciência de suas limitações, nem exercem um julgamento crítico quanto às suas atitudes.

3. Durante a fase associativa da prova de Rorschach, os examinados adotam padrões de reação **estereotipada** : uma vez destacada uma determinada estrutura significativa, eles tendem a reutilizá-las de modo **mecânico e repetitivo**, sem levarem em conta as variações presentes na organização dos diferentes estímulos que lhes são oferecidos.

C) CATEGORIZAÇÃO DE SIGNIFICADOS

As figuras humanas são descritas de modo genérico e vago - como "pessoas", "gente", "homem" - e percebida sobretudo de modo incompleto (predomínio do pH). Em relação às figuras animais, prevalecem as atribuições de características específicas, distintivas, podendo ou não incluir a apreciação integral de suas imagens.

II. Atribuição valorativa das imagens humanas e animais

Embora presentes, nos diferentes protocolos, as atribuições de qualidades particulares às figuras humanas e animais - qualidades positivas, agressivas, disforicas ou estéticas - elas são amplamente variáveis no grupo de "violentos". Predomina de modo significativo apenas

às imagens "neutras" onde nenhuma qualidade lhes é atribuída pelos examinados.

III. Ocorrência de outras categorias de conteúdo

1. Nos protocolos de "violentos" prevalecem as categorias de conteúdo designadas como "vagas" o que tanto poderá indicar indiferença emocional pelo que ocorre no ambiente como traduzir as implicações das próprias condições culturais de existência observadas nos casos aqui investigados.
2. Apesar de relativamente rara, a ocorrência significativa para o grupo de "violentos" de categorias designadas como "forças da natureza" e como "objetos agressivos", constitui o único elemento da categoria de

conteúdo que traduz de modo direto o comportamento agressivo observado em nossos examinados.

O distúrbio fundamental observado a partir das informações fornecidas pelo exame das provas de Rorschach em examinados "violentos" pode ser caracterizado como **falta de controle da atividade coluntária**. De fato, a atividade voluntária implica não apenas a mobilização do interesse afetivo e a focalização seletiva da atenção, como também, a capacidade de julgamento refletivo das circunstâncias ambientais de modo a permitir a formulação de projetos e de estratégias de ação. No caso em exame, ocorre baixo liminar na mobilização afetiva, alteração na seletividade da ação e de ficiência no julgamento crítico - tanto das circunstâncias ambientais como do re-

sultado da produção indivi - dual.

Tais resultados coinci - dem de maneira notável com aqueles observados por Luria em pacientes com lesões fron - tais. Evidentemente, seria er - rônea a suposição de haver al - teração frontal em indivíduos que cometeram crimes violen - tos. Apenas podemos constatar que em ambos os casos ocorre uma alteração em um mesmo pro - cesso psicológico.

Um aspecto interessante a relevar é o da evidência do maior valor da prova de Rorschach para o fornecimento de informações, que foram obti - das apenas de modo fragmentá - rio através da utilização de diferentes testes utilizados habitualmente em neuropsicolo - gia.

A fase preliminar do es - tudo da agressividade, parti -

cularmente examinada em sua variante "violência", permiti -u isolarmos 11 sinais sig - nificativos, obtidos a par - tir de um procedimento indu - tivo. Desses sinais, dois (OG e BNS) correspondem à fa - se de seleção de estímulos ligada ao trabalho mental de "observação"; ainda nessa fase, mas atinente ao meca - nismo de atenção, obtivemos o sinal Fc+. A nível do pro - cesso de elaboração da ima - gem, dois outros sinais fo - ram detectados: C e CT For - mal. Dentre os mecanismos de reação que interferem na construção de imagens, ape - nas quatro foram caracteriza - dos como "sinal" Ref. Pers . Host, Rpt e Pplx. Enfim, a ní - vel da categorização das ina - gens elaboradas, apenas fo - ram detectados dois sinais : Categoria Neutra e Categoria Agressiva.

TABELA I
KRUSKALL-WALLIS e QUI-QUADRADO

Kruskall-Wallis			Qui-Quadrado		
Teste	x	Signif.	Teste	x	Signif.
RG	3,16	n.s.	Sinal Fc+	7,81	0,02
RL	18,82	0,0001	" PG	6,50	0,01
L	18,60	0,0001	" C	20,80	p<0,001
RM	11,11	0,0039	BNS	9,14	0,0025
M	12,13	0,0023*	CT Formal	57,67	p<0,001
MONOF+	15,06	0,0005	Mec.Ref.Pes.	4,34	0,037
CROMOF+	17,82	0,0001	Mec.Hostil.	5,58	0,0181
RC	8,69	0,0129*	Mec.Rpt	8,51	0,0035
C	6,63	0,0364*	Mec.Pplx	6,50	0,0108
PS	4,93	n.s.	Cat."Vaga"	4,26	0,390
			Cat."Agressiva"	4,34	0,0372

TABELA 2
MANN-WIITNEY

Teste	GRUPOS		
	61/62x61/62	61/63 x 61/63	62/63 x 62/63
	Signif.	Signif.	Signif.
RPS	n.s.	n.s.	n.s.
RL	n.s.	p<0,0001*	0,0004*
L	0,0392	p<0,0001	0,0005
RM	0,0007	n.s.	n.s.
M	0,0002*	n.s.	n.s.
MONOF+	0,0006*	n.s.	0,0027*
CROMOF+	0,0001*	0,0038*	n.s.
RC	0,0396*	0,0097*	n.s.
C	n.s.	0,0386*	0,0131
PS	0,0228	n.s.	n.s.
CROMOZ2	--	0,0106*	--
MONOZ2	--	n.s.	--
CROMOZ1	--	n.s.	--
MONOZ1	--	n.s.	--
CROMOIp	--	0,0003*	--
MONOIp	--	0,0008*	--
SELETIVIDADE NI	--	0,0006*	--
NM	--	n.s.	--
NS	--	0,0017*	--

G1-Grupo Violento; G2-Grupo Normal; G3-Grupo Ansioso
Seletividade NI-Nível Inferior; NM-Nível Médio; NS-Nível Superior
de: Ip-Imagem precisa.

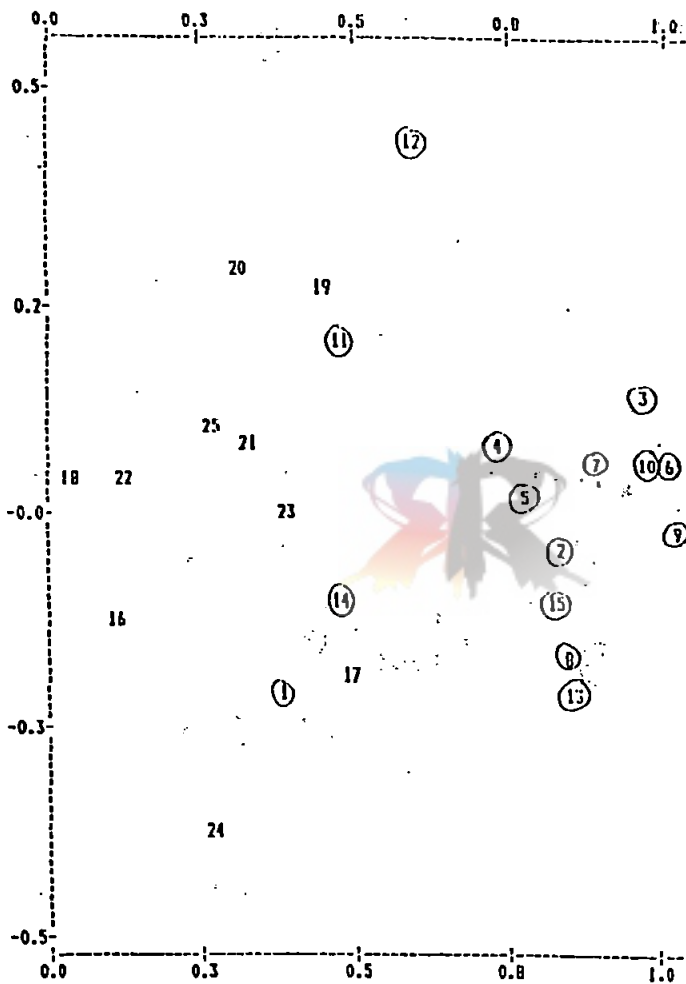


Fig. 1 - Sinais de Agressividade. Distribuição dos 11 sinais mencionados na Tabela 1.

Indivíduos de 1 a 15 - Grupo "Violento"
 Indivíduos de 16 a 25 - Grupo "Ansioso"

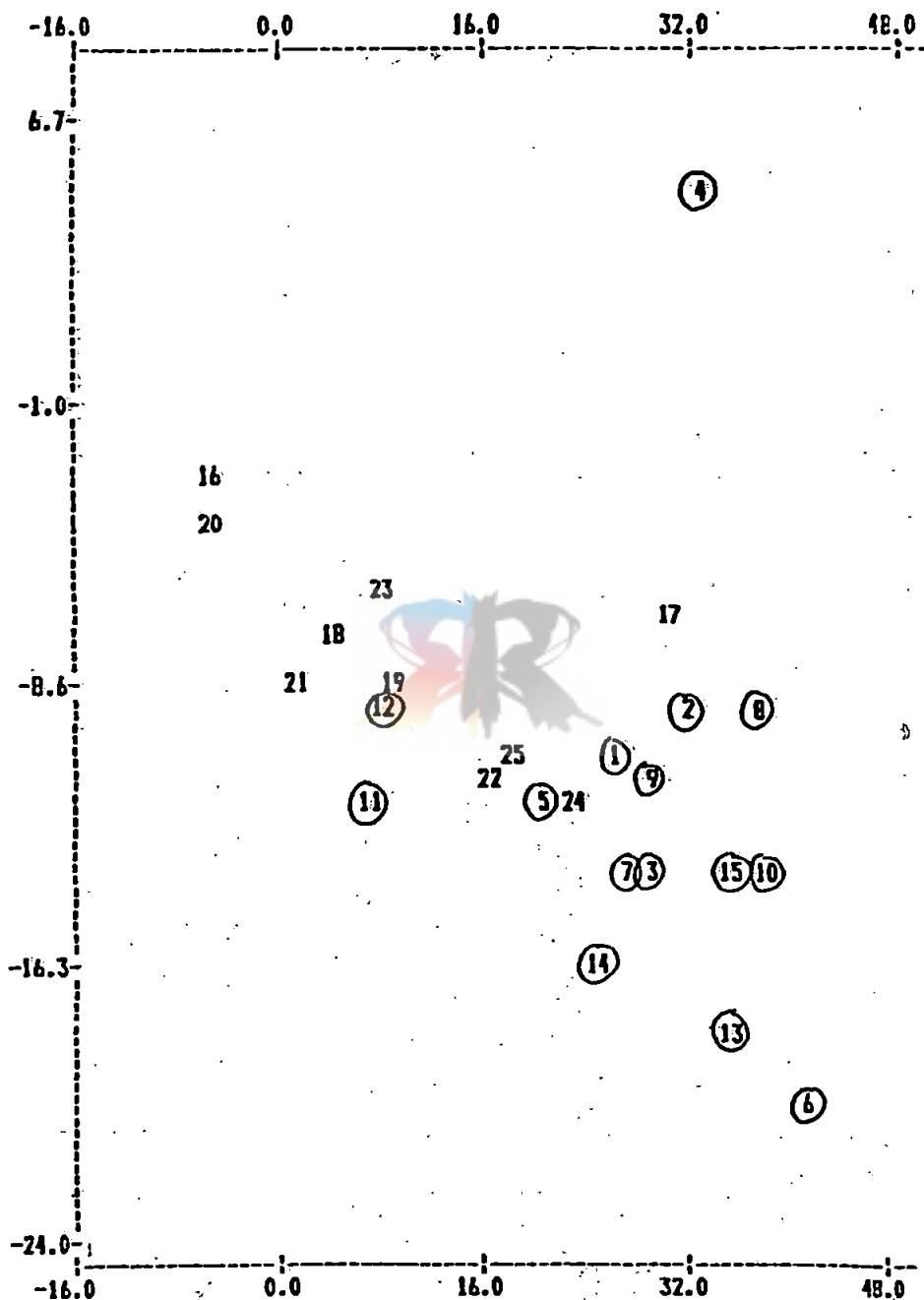


Fig. 2 - Níveis de Seletividade. Sinal "BNS".

Indivíduos de 1 a 15 - Grupo "Violento"
 Indivíduos de 16 a 25 - Grupo "Ansioso"

TABELA A
ANÁLISE DISCRIMINANTE

Grupo de Origem	Nº de casos	Grupo de Classificação	
		Violento	Ansioso
Grupo Violento	15	13 86,7%	2 13,3%
Grupo Ansioso	10	2 20,0%	8 80,0%

Percentagem final de indivíduos bem classificados: 84,0%

	NOME	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	CRIME COMETIDO	DIAGNÓSTICO
1)	J.F.A.	Masc.	45a.	Pedreiro	Machadadas, punhaladas e estirpação de testículos	Distúrbios de caráter, frieza de sentimentos
2)	R.C.G.	Masc.	22a.	Pedreiro	Punhaladas (22 golpes) e tiros de revólver	PP. Perverso
3)	S.J.S.	Masc.	55a.	Pedreiro	Machadadas	Distúrbios de caráter. Explosivo
4)	C.R.H.	Masc.	26a.	Pedreiro	Golpes de punhal contra uma mulher	Distúrbios de caráter. Explosivo
5)	J.P.H.	Masc.	51a.	Barbeiro	Estrangulou a esposa e mais tarde atirou a filha em um poço por ela ter quebrado um vaso.	Distúrbios de caráter. Fanatismo.
6)	L.A.P.	Masc.	24a.	Comerciante	Tentativa de homicídio e agressão por golpes violentos contra mãe e irmã	PP. Perverso
7)	D.A.	Masc.	43a.	Serralheiro	Cortou o rosto da vítima com pedaços de vidro; em seguida matou-a a golpes de barra de ferro.	PP. Perverso
8)	M.C.	Fem.	17a.	Doméstica	Matou o pai a golpes de machado; em seguida fez uma refeição junto ao cadáver.	Distúrbios de caráter, frieza de sentimentos
9)	B.A.C.M.N.	Fem.	30a.	Sem profissão	Matou uma mulher a pauladas, para roubar	Distúrbios de caráter. Explosivo,
10)	A.J.R.	Masc.	34a.	Lavrador	Agressão violenta com golpes de punhal contra o sogro.	Lesão cerebral frontal (traumatismo craniano)
11)	A.Y.D.	Masc.	25a.	Estudante	Tortura física e estrangulamento de uma jovem amiga. Em seguida foi ao enterro.	PP. Anti-social
12)	R.M.	Masc.	26a.	Sem profissão	Assalto e assassinato a punhaladas e machadadas em um casal idoso.	PP. Perverso
13)	R.C.	Fem.	32a.	Doméstica	Apunhalou a mãe após espancá-la violentamente	Distúrbios de caráter. Explosivo
14)	T.G.	Masc.	34a.	Policial	Tentativa de homicídio contra a esposa e agressão contra filhos	Lesão cerebral frontal (traumatismo craniano) H.E.
15)	T.M.	Fem.	25a.	Estudante	Co-autoria do assalto e crime (caso nº 12)	Distúrbios de caráter. Explosivo.

BIBLIOGRAFIA

LURIA, A.R. **The frontal lobes and the regulation of behavior in psychophysiology of the frontal lobes.** New York and London, Ed. Academic Press, 1973.

LURIA, A. R. **Human brain and psychological process.** New York, Ed. Harper and Row, 1966.

SIEGEL, S. **Nonparametric Statistics for the Behavioral Sciences.** New York, McGraw-Hill Book Company, 1956.



O MÉTODO DE RORSCHACH SOB UM ENFOQUE PSICOPATOLÓGICO EXPERIMENTAL DOS EFEITOS DO PROTÓXIDO DE AZOTO ** ***

M. Timsit, D. de Thier e
M. Timsit - Berthier *

Antigas observações clínicas e inúmeras pesquisas realizadas em níveis variados, tais como aqueles relativos à fadiga (Garma et al, 1972), vigília (Julien e Timsit-Berthier, 1978), à dor, aos efeitos do stress e mais especificamente às decorrências de traumatismos crânio-encefálicos (Fernandez-Zoila, 1979), ou na epilepsia (Geier, 1974), destacaram nitidamente a noção de uma variabilidade comportamental interindividual, que implica em ajustamentos às pressões fisiológicas constantes; um "jogo de possibilidades" (Jacob, 1981) e um "grau de liberdade", tão mais extenso e elevado quanto mais alto for o plano considerado na escala das espécies animais, acrescido ainda da extraordinária amplitude conferida ao ser humano pela aquisição da função simbólica. Entretanto, parece que esses trabalhos, que

* Laboratório de Neurofisiologia Clínica e de Psicopatologia (Universidade de Liège)

** Este artigo é um desenvolvimento de uma comunicação apresentada no XIº Congresso Internacional de Rorschach e Técnicas Projetivas (Barcelone, 1984).

*** Extraído do Bull. Soc. Franc. du Rorschach et des Méth. Proj. nº 33, septembre 1986, pp. 101-122. Traduzido por Dra. Lúcia Coelho e Sonia Fantauzzi Lobo, com autorização do autor.

visam destacar as relações que se estabelecem entre o comportamento e o aspecto fisiológico, tanto em indivíduos normais como em doentes mentais, não fazem referência a um enfoque concomitante sobre "estrutura da personalidade".

Infelizmente, os limites que separam a psicologia experimental, a psicofarmacologia a psicofisiologia e a psicologia clínica são ainda demasiadamente rígidos. Assim foi, também, com uma preocupação "pluridisciplinar", que resolvemos estudar os efeitos psicofisiológicos do protóxido de azoto (N_2O) em sujeitos voluntários que se submeteram a inalações de doses crescentes do referido gás.

Procurando identificar com mais precisão as menores manifestações que esse gás pode -

ria provocar nos mais diversos campos, nos empenhamos, evidentemente, em conjugar um enfoque eletrofisiológico, pelo registro da Variação Contingente Negativa (VCN), com investigações sistemáticas dos comportamentos psicomotor e neurovegetativo, utilizando para isso uma observação metódica dos processos cognitivos com aplicação de uma série de testes apropriados, considerando os estados subjetivos, graças a questionários apresentados no final da experiência.

Preocupamo-nos, porém, principalmente, em destacar a estrutura da personalidade de cada um dos sujeitos, aplicando, antes da série de sessões de inalação de gás, o teste de Rorschach.

Esta pesquisa dá continuidade a um enfoque que um de

nós já havia utilizado para precisar as modalidades da ação do Amital sódico nos processos cognitivos e no EEG, através de uma confrontação dos métodos de Shagass e de Claridge (Julien e Timsit-Berthier).

A idéia de utilizar o Protóxido de Azoto, segundo uma perspectiva análoga, tornou-se mais precisa por ocasião do trabalho que havia fixado como objetivo o estudo das regiões e dos mecanismos rádiolocais biológicos, com auxílio de um ciclotron sobre o N_2) marcado (Niethammer et al, 1982; Timsit - Berthier et al, 1982).

O motivo de escolhermos os métodos eletrofisiológicos foi a grande sensibilidade de que se lhes atribuiu atualmente, pela capacidade de traduzir com fidelidade al-

guns dos mecanismos fundamentais do funcionamento cerebral, com nível de vigília, processo de tratamento da informação sensorial, atenção e motivação.

ENFOQUE PSICOFISIOLÓGICO DOS EFEITOS DO PROTÓXIDO DE AZOTO

Do ponto de vista histórico, o Protóxido de Azoto, dentre as diferentes substâncias anestésicas, ocupa um lugar particular: é a primeira e a mais antiga droga utilizada. Porém, desde a sua descoberta em 1772, por Priestley, e desde a demonstração de suas propriedades analgésicas, efetuadas por Davy, em 1800, transcorreu quase um século para que fosse definitivamente aceita em anesthesiologia, Seus efeitos "psicodélicos" não foram ignorados e logo este gás "hilariante" foi utilizado com fins pouco medicinais e

bastante lucrativos, durante manifestações públicas que podem ser consideradas como encontros, destinados a provocar risos e distrações. O Protóxido de Azoto é quotidianamente utilizada em anesthesiologia e os especialistas nele reconhecem vantagens apreciáveis, principalmente quanto à rapidez de sua eliminação do organismo. Esses efeitos gerais a nível de pressão das cavidades aéreas e do débito sanguíneo cerebral são sobejamente conhecidos (Laxenaixe e Borgo, 1977).

Sabe-se que o Protóxido de Azoto se fixa sobre a hemoglobina, com a qual entra em combinação, ocupando rapidamente todas as cavidades gasosas, de modo a saturar o cérebro, os músculos, a pele e em seguida as gorduras. É importante notar que ele não

é objeto de uma biotransformação e que é eliminado exclusivamente pelas vias pulmonares. Ao lado dessa característica apreciável, convém assinalar sua "inocuidade", particularidade essa interessante na perspectiva heurística em que nos situamos, ou seja, dos efeitos a que este gás induz, nos domínios afetivo, cognitivo e comportamental, por um lado, e no plano neurofisiológico, por outro lado. As perturbações que ele produz constituem objeto de numerosas discussões e fazem lembrar certos quadros psiquiátricos.

Assim, no plano cognitivo assinala-se o enfraquecimento de memória de fixação e da memória de evocação, diminuição das performances motoras e modificações na perspectiva visual (Revue in , Frankenhauser, 1963).

No plano clínico, pode-se notar que entre o quinto e o sétimo minuto de indução de uma anestesia de oitenta por cento de N_2O , ocorrem descargas logorréicas, agitação psicomotora, associações ricas e curiosas, um estado relativamente confusional, tristeza ou euforia, afastamento ou aproximação de sons e mais raramente das imagens, sensações de vertigem (Schneider et al, 1950). Estes mesmos efeitos, além do aumento da acuidade auditiva e por vezes da ocorrência de alucinações foram assinalados (Kulikowski e Leisman, 1973; Fenwick et al 1979).

No plano neurofisiológico já se reconhece que o Protóxido de Azoto provoca modificações das atividades eletrofisiológicas, tanto as espontâneas como as evocadas (Clark e Rosner, 1973); entretanto, os dados obtidos a este nível

são por vezes contraditórios porque alguns deles se orientam em direção a uma noção difusa do gás em todo o sistema nervoso, correlativa a uma depressão progressiva das diferentes estruturas, enquanto que outros se orientam segundo uma ação mais seletiva, ao nível do parênquima cerebral, o que atestaria o aparecimento de episódios transitórios de atividades rápidas ao nível frontal e temporal, quando se trata de baixas concentrações (Schneider et al, 1950; Sadove et al, 1967). Certos argumentos são a favor da primeira hipótese e particularmente a constatação de uma diminuição progressiva do EEG à medida que aumentam as concentrações de N_2O , e a constatação de uma diminuição do potencial auditivo e evocado em uma relação dose - efeito (Derbyshire et al, 1941 ;

Lader et Norris, 1969).

Por outro lado, outros argumentos são favoráveis à segunda hipótese e pensamos que é nessa perspectiva que se situam as pesquisas sobre a Variação Contingente Negativa (Fenwyck et al, 1979 e Timsit Berhier et al, 1982). De fato, a amplitude desta onda negativa se mantém sem alteração significativa até o nível de concentração atingir quarenta por cento de N_2O , o que nos faz pensar que persiste ao nível cortical um certo estado de excitação, a despeito da ação aparentemente sedativa do gás. Além disso existem também modificações na duração do VCN, que se expressam pela persistência do potencial negativo além da segunda estimulação. Esses efeitos tornam-se mais interessantes ao poderem ser repetidos com concentrações muito baixas de N_2O .

A população é composta de nove sujeitos com idade variando entre vinte e vinte e oito anos, com um nível de escolaridade relativamente homogêneo (superior ou universitário) e com traços eletrofisiológicos VCN normais quando obtidos antes da experiência. Na verdade, conseguimos selecionar doze sujeitos, todos voluntários, mas tivemos três desistências: dois por motivos contingentes e um devido à hipersensibilidade ao N_2O . Os outros nove sujeitos (três do sexo feminino e seis do sexo masculino) receberam retribuição por sua participação na experiência.

O TESTE DE RORSCHACH E ESTRUTURA DA PERSONALIDADE

A identificação dos perfis de Rorschach foi efetuada às cegas por aquele dentre nós que não havia presen-

ciado as sessões experimen -
tais e que desconhecia, as -
sim, os efeitos induzidos pe -
lo Protóxido de Azoto em cada
um dos sujeitos. A classificaç
ção desses perfis foi efetua -
da segundo critérios que fo -
ram objeto de publicações an -
teriores (Timsit, 1974; Timsit
e Seduc, 1981). Basta indicar -
mos que a atribuição de uma
configuração "neurótica" ba -
seia-se na percepção de uma
"repressão" pulsional que ce -
dem lugar a um disfarce do
significado do conteúdo nas
respostas (respostas conside -
radas como "complexas"), e
polaridades mais particulares
a esta direção, que são as po -
laridades obsessivas. fóbicas
ou históricas; estas são a -
preendidas a partir da respec -
tiva importância das respos -
tas cinestésicas em relação
com um recurso eletivo aos
processos ideativos e das res -
postas de cor mais diretamen -

te ligadas á expressão dos a
fetos, como também, a partir
do estudo da reatividade (a -
nálise dos choques à cor, ao
vermelho e ao negro).

A identificação dos proto -
colos "limites" se baseia na
evidência de uma "boa facha -
da social", associada a um
polimorfismo defensivo, im -
plicando em um recurso às de -
fesas do tipo arcaico (nega -
ção, declivagem, onipotência
idealização do objeto) e a
uma certa transparência de
respostas que revelam, de
modo frequentemente explíci -
to, uma problemática centra -
da em uma profunda perturbação
de identidade (identidade di -
fusa). É principalmente nes -
te nível que estes perfis se
diferenciam daqueles de li -
nhagem psicótica, mais espe -
cificamente definidos pela
intervenção de um processo
dissociativo cuja expressão

mais manifesta é certamente a angústia de fragmentação.

A classificação dos protocolos é igualmente fundamentada por um procedimento de "quantificação", tanto no nível "formal" como no estudo da "reatividade" e da avaliação dos processos dinâmicos (quadros I a IV). A fim de evitar ao leitor a apresentação fatisiosa de dados repetitivos, nós apenas apresentaremos nesses quadros alguns índices formais: R, % G, soma das Gbl, % F, %F+, soma dos K, dos k, soma das C, Flcos, conteúdos "anatomia". O estudo da reatividade nos levou a focalizar sobre a prancha VIII, e na sequência nas pranchas I, VI" e das "pranchas II, VI e IX), cada uma delas trazendo classicamente a um simbolismo diferente.

Sem dúvida, um tal reagru-

pamento poderá parecer a alguns relativamente arbitrário, na medida em que não há acordo unânime sobre o significado que se atribui a cada uma das dez pranchas do teste. A prática do Rorschach, por outro lado, nos confirma amplamente a opinião de que o desenvolvimento temporal e a ordem de sucessão das pranchas exercem um papel não negligenciável na ativação do processo projetivo e que uma operação de reagrupamento, como aquela que efetuamos, não é inteiramente desprovida de um certo caráter redutor. Enfim, não podemos deixar de assinalar que nós não figuramos as reações que os sujeitos podem ter apresentado em presença das pranchas III, V e X. Nossa preocupação essencial foi a de situar, à medida do possível as modalidades de reação,

frente a estímulos susceptí-
veis de desencadear choques
que poderiam ser, na maior
parte, a expressão de pertur-
bações nas relações face às
imagens eletivas.

Assim, se é clássico admi-
tir-se que o choque à cor
(essencialmente fornecido pe-
la prancha VIII) traduz a re-
pressão pulsional, um amplo
consenso foi estabelecido no
sentido de considerar que os
choques concentrados na pran-
cha IV e, de uma forma mais
acessória, às pranchas IV e
VI (choques Clob, essencial-
mente) são a expressão de
uma perturbação diante de ima-
gens e representações de au-
toridade, da lei, da morte,
o que em certas condições po-
de recobrir as imagens e as
representações paternas e vi-
ris - esse é o caso das or-
ganizações de personalidade
não psicótica - enquanto que

os choques localizados nas
pranchas II, VII e IX pode-
riam, à medida em que as
pranchas são especialmente
definidas pelas reações que
as centram com tudo que essa
noção transmite em nossa cul-
tura e em nosso imaginário,
ter relação, possivelmente,
com perturbações das imagens
e representações femininas e
maternas.

A "quantificação" dos da-
dos da ordem dinâmica é o as-
pecto mais problemático na
avaliação dos protocolos.

Inumeráveis são as escalas e
crivos interpretativos pro-
postos. A fim de tornar pos-
sível o enfoque desses aspec-
tos do protocolo, que até a-
gora representaram toda a ri-
queza do método do Rorschach
e devido ao caráter restrito
de nossa amostragem, nós ape-
nas fizemos um levantamento
dos conteúdos que nos parece

ram significativos e lhes a tribuímos uma ponderação: o valor mais elevado corres - pondendo aos competentes que intervíram de modo preponderante na constituição do padrão "limite", sendo sua ponderação superior à - quella dos componentes encon - trados habitualmente em registros "neuróticos". Assim os conteúdos que traduziam temas "privelegiados", rela - cionados com a mobilização de defesas do tipo idealiza - ção e onipotência, e aque - les onde a conotação perser - va pe evidente, receberam cada um deles o peso de tres pontos; enquanto que a queles relacionados às per - tubações de identidade e à presença de um componente narcísico, receberam dois pontos e, enfim, atribuímos apenas um ponto para as res - postas que revelaram a pre - sença de angústia, embora

não desestruturante e uma a - gressividade manifesta. Uma menção especial foi reserva - da às respostas de caráter dissociativo (respostas "spaltung") que encontramos em dois casos e que recebe - ram o peso de três pontos.

Estes levantamento de res - postas significativas acha - se representado nos quadros II e III; as respostas habi - tuais banais não foram men - cionadas e as sublinhadas se referem às categorias que fo - ram objeto da quantificação e que foram retomadas no qua - dro IV.

A análise pormenorizada dos protocolos de Rorschach, de cada um dos sujeitos, nos permite constatar que eles se distribuem em **dois grupos** nitidamente distintos. O pri - meiro deles abrange **cinco** **sujeitos**, cujos protocolos a

presentam em comum o fato de pertencerem à categoria "limite", com modulações variáveis conforme os casos (núcleo"), assinaladas pela abundância da produção, ou simples "trama", além de um certo grau de "plasticidade", apresentando particularmente uma maior permeabilidade da vida afetiva, um menor recurso aos processos de controle racional e, ao inverso, maior possibilidade de passagem ao ato. Com efeito, se somarmos as respostas "movimento" kinestésias primárias e menores - as respostas "cor" e as respostas "claro-escuro", constatamos que a ressonância afetiva é bem mais acentuada nesse grupo. Além disso, é menor a reatividade desses sujeitos às pranchas escuras - I, IV e VI - com valor simbólico, conforme já referimos, e às pranchas II, VII e IX -

com valor simbólico "materno".

E enfim, a quantificação dos conteúdos significativos resulta em um valor médio de dezesseis pontos (dispersão 24-9, mediana: 15), bem superior àquele do segundo grupo formado pelos quatro outros sujeitos (média: 4, 5 com uma dispersão de 6 a 3 e uma mediana de 4, 5).

Este segundo grupo reúne efetivamente os quatro sujeitos cujos protocolos mostram, por sua vez, uma ressonância afetiva bem menos acentuada e uma reatividade mais fraca, tanto às pranchas escuras quanto às pranchas com símbolo "materno", sendo o score "dinâmico" bem inferior ao do primeiro grupo.

Esses protocolos apresentam, ainda, duas características essenciais: pertencem ao registro "neurótico" e revelam

rigidez" acentuada, o que os situa, sobretudo, em um polo obsessivo e mesmo "caracterial" - sendo esse diagnóstico baseado na evidência da utilização privilegiada de mecanismos de defesa próprios a esse tipo de funcionamento mental (racionalização, isolamento, formação reativa) e que visem seletivamente a afastar do campo da consciência aos afetos anisíógenos.

PROCEDIMENTO EXPERIMENTAL E MÉTODOS

Com um intervalo não maior que oito dias após a aplicação do Rorschach, desenrolava-se no laboratório o experimento. O propósito fundamental do experimento é o de objetivar as eventuais modificações que poderiam resultar da indução de Protóxido de Azoto, tanto no nível

comportamental, como nos estados de consciência e no plano neurofisiológico; e, por outro lado, no estudo das correlações entre estes diferentes parâmetros e os perfis de personalidade previamente isolados. Lembramos que, o princípio de base desta etapa experimental consistia em recolher estes diferentes dados sob três diferentes condições: (1) inalação de uma mistura de 50% de N_2O e 50% de O_2 ; (2) inalação de uma mistura de 25% de N_2O e 75% de O_2 ; (3) inalação de ar ambiente (efeito placebo).

A experiência foi conduzida "às cegas, simples"; os sujeitos ignoravam a natureza do gás inalado e o esquema da experiência foi organizado em "carré latin", de modo a evitar o efeito sequencial provocado pela repetição

ção das sessões.

A anestesia foi integralmente efetuada por especialistas*. Os pormenores sobre o controle desta anestesia acham-se descritos em publicação anterior (Temsit-Berthier et al, 1982). Não podemos, entretanto, deixar de assinalar que os sujeitos usavam, além do indispensável bocal através do qual recebiam a mistura gasosa, um "pince-nez" destinado a evitar a fuga e a contaminação dos gases inspirados, o que, evidentemente, os deixavam em uma situação um tanto inconveniente. Além disso, o mesmo observado que havia sido encarregado de administrar previamente o teste de Rorschach, também cuidava dos sujeitos antes da anestesia, e que deveria colher os dados clínicos e psicológicos durante cada uma das fa-

ses experimentais

O estudo dos dados eletrofisiológicos (eletroencefalografia, potenciais evocados auditivos e da Variação Contingente Negativa) foi objeto de publicação anterior, á qual reportamos o autor para consulta sobre os aspectos metodológicos da pesquisa (Timsit-Berthier et al, 1982). Entretanto, é preciso lembrar que estes registros eletroencefalográficos são realizados segundo um procedimento original que permite a obtenção simultânea do espectro de potência do C.C.G. e da Variação Contingente Negativa graças a um tratamento pelo computador (PDP 11/40). O C.C.G. é estudado através da análise de Fourier, durante a indução da anestesia, enquanto que o potencial auditivo e a VCN o são durante uma tarefa

de tempo de reação simples com sinal de alerta, sendo o primeiro estímulo um som breve, emitido por um alto-falante situado há mais de um metro do sujeito e ao sinal imperativo, corresponde uma luz durante um segundo e o sujeito tem por tarefa interrompê-la, apoiando com a mão direita um botão.

O intervalo de tempo entre estes dois estímulos é sempre o de um segundo, enquanto que aquele que separa as duplas de estimulação é aleatório e varia de quinze a trinta e cinco segundos. O tempo de reação é igualmente registrado, assim como o ritmo cardíaco, durante toda a sequência experimental. Os dados colhidos a partir destas diferentes técnicas de registro são tratadas com ajuda de medidas eletrofisiológicas, que visam apreender

o grau de lentificação (sa - lentissement) do C.C.G. espontâneo e as modificações do potencial evocado auditivo e da VCN e, em particular, os parâmetros desta última: amplitude e duração. Com efeito já foi verificado que os processos psicóticos, e mais precisamente, as síndromes esquizofênicas, determinam o aparecimento de curvas mais particulares, associando uma redução de sua amplitude e um aumento significativo de sua duração" (VCN prolongado - Temsit - Berthier, 1981).

A exploração comportamental durante os experimentos e as investigações dos estados subjetivos durante o período de restauração foram efetuados com auxílio de inventários e de questionários sistemáticos estabelecidos a partir de experiências preliminares, conduzidas por um dos mo

nitores de nosso grupo de experimentadores. Enfim, as funções cognitivas puderam ser testadas durante as sessões de inalação, com diferentes provas (teste de memória de Buscke, teste de atenção de Zazzo, teste de arranjo de imagens de Wecksler).

Os resultados dessas provas apenas puderam ser quantificadas em condições de inalação do ar "ambiente" e do gás a 25%, pois quando a 50%, o Protóxido de Azoto provocou em cinco dentre os nove sujeitos uma perturbação tão intensa que eles não puderam realizar as tarefas solicitadas pelas provas.

Não nos deteremos na descrição do desenrolar de cada sessão experimental. É suficiente dizermos que ela comportou duas fases: a primeira, passiva, com duração de

cerca de vinte minutos, indô da inalação do gás até a obtenção da concentração desejada, sendo que, nessa fase, o sujeito não é solicitado a realizar qualquer tarefa, em bora todos os seus comportamentos foram escrupulosamente anotados, além dos registros do CCG; a segunda, mais ativa, é marcada pela participação às provas psicológicas e eletrofisiológicas, enquanto o sujeito continua a inalar o gás pelo bucal e, com olhos abertos, devia efetuar um certo número de testes de atenção e de memória, enquanto que sua comunicação com o examinador apenas era feita por escuta; em seguida com olhos fechados, foi submetido ao protocolo experimental do potencial evocado auditivo e da VCN.

A anestesia ao N_2O , apresentando uma resolução quase

tempo de reação. Mais desconcertante à primeira vista, são as modificações observadas ao nível da Variação Contingente Negativa: nota-se a manutenção (paradoxal) da amplitude desta curva, associada a um prolongamento da deflexão negativa que vai além da segunda estimulação, o que constitui uma modificação radical do modo de resolução. Tais fenômenos estão muito possivelmente ligados a um certo grau de ativação do sistema nervoso central e em particular do sistema límbico.

Independentemente de comentários de ordem psicofarmacológica, solicitados por tais contestações, o Protóxido de Azoto parece muito próximo da Ketamine (substância hipno-analgésica neocórtico-diencefálica), devido a efeitos muito particulares desta

última tanto ao nível da consciência ("anestesia associativa"), como no sistema nervoso central (ação depressiva no plano córtico-talâmico e estimulante do sistema límbico). É essencial assinalarmos o facto de que em todos os sujeitos o Protóxido de Azoto fez aparecer particularidades de VCN, que reproduzem, curiosamente, aqueles que acompanham habitualmente os processos psicopatológicos severos (Tim-sit- Berthier, 1976, 1981).

-Modificações neurovegetativas: A dose de 25% de Protóxido provocou manifestações relativas, discretas, com exceção de uma diminuição da atividade cardíaca, notável pela sua constância e que parece significativa quando se compara o ritmo registrado durante a sessão com essa dosagem, com aquele obtido durante as experimentações com ar

ambiente. A 50% observa-se uma transpiração abundante.

-Modificações psicológicas: Efeitos significativos foram obtidos tanto a partir do procedimento objetivo, através de provas cognitivas, como baseado em descrições relatadas pelos próprios sujeitos no fim da experiência.

Assim, ao teste de memória de Buschke, prova de evocação seletiva destinada a avaliar a memória verbal auditiva e capacidade de aprendizagem dos sujeitos, na medida em que apenas as palavras esquecidas por estes últimos é que são lembradas a eles pelos pesquisadores, a diferença obtida entre as performances efetuadas em sessões de inalação do ar ambiente e aquelas em sessões de inalação de Protóxido de

Azoto a 25% é significativa ($p < 0,1$) para a primeira fase (prova de evocação), enquanto que não o é na segunda (prova de reconhecimento). Sabe-se que o sujeito dispõe de quinze ensaios ou mais para memorizar uma lista de dez palavras da mesma família (categoria) e que o lapso de tempo transcorrido entre a apresentação e a evocação varia de alguns segundos a alguns minutos. A 25% de concentração, o Protóxido de Azoto leva o sujeito a recorrer a um número de ensaios suficientemente superior àquele que ele necessita durante as sessões com inalação do ar ambiente, para chegar a aprender a lista inteira (quadro V).

Uma análise mais detida dos protocolos permite constatar que o gás provoca um retardamento e uma irregula-

ridade da aprendizagem mnésica, ao mesmo tempo que uma inconstância das evocações. Entretanto, é interessante notar que os resultados obtidos na prova de reconhecimento (segunda fase), imediatamente após a prova de evocação, o sujeito é solicitado a reconhecer os dez nomes anteriormente memorizados de uma lista de vinte outros nomes e a bater com sua esferográfica cada vez que ele reconhece um nome desta lista não diferem significativamente de uma sessão a outra, de tal modo que se poderia aventurar a hipótese de que as perturbações musicas induzidas pelo Protóxido de Azoto se situam sobretudo ao nível da atividade de evocação voluntária mais do que ao nível da atividade de conservação das lembranças.

As manifestações subjetivas,

complexas e polimorfas foram especialmente acentuadas a uma concentração de 50%: com efeito, a esta dose, todos os sujeitos, sem exceção, mencionaram modificações em seus estados de consciência, enquanto que, durante a sessão de inalação do ar ambiente, e que a situação de experiência tenha sido desconfortável devido a utilização do bocal, nenhuma sensação particular foi evocada; sem dúvida, não se trata de distúrbios profundos, pois nenhum dos sujeitos atingiu a fase do sono. Mas de todo modo, eles mencionaram uma perda importante de referências temporais com impressão que "o tempo não mais transcorria" desorientação essa acompanhada de uma impressão de dificuldade de concentração de atenção e da evocação de lembranças. Entretanto, es-

tes aspectos foram reversíveis, pois quando se solicitava ativamente os sujeitos além disso, nenhuma amnésia pós-experimental foi observada (cada um dos sujeitos foi capaz de relatar fielmente os menores detalhes relativos ao desenrolar das sessões).

A nível psicomotor, notou-se que todos os sujeitos relataram uma impressão de falta de energia, de incapacidade de efetuar um movimento voluntário e, correlativamente, com perda de iniciativa motora, fenómeno que contestava com a sugestibilidade que eles revelavam ao lhes serem sugeridos pelo experimntador a realização de movimentos.

Na esfera perceptiva, modificações sensíveis de todas as funções puderam ser

observadas, quer no sentido de uma redução. quer, ao contrário, de um aumento de acuidade (especialmente nas percepções visuais e auditivas). A diminuição da sensibilidade próprioceptiva induzia nos sujeitos uma impressão de aumento de peso.

Em conjunto, todas estas modificações percepto-motoras provocaram um verdadeiro sentimento de estranheza, chegando, por vezes, a um sentimento de despersonalização. Não deixaremos de mencionar, um pouco adiante, o quanto essas modificações foram vividas diversamente pelos diferentes sujeitos (efeitos díspares).

O conjunto de manifestações clínicas que acabamos de descrever por mais sutis que sejam, lembram o quadro esboçado entre tanta sensibi

lidade e precisão por Moreau de Tours (1845), sobre a influência do canalís, quadro que pode ser observado ulteriormente, com o uso de diversas drogas psicodislépticas. Sem dúvida, seria excessivo e vocar, a partir desta "sugestionabilidade", destas perturbações psicossensoriais muito particulares, e destas alterações da iniciativa motora, um síndrome catatônica. A concomitância desses diferentes fenômenos e o aparecimento das anomalias do CCG, relativa ao segmento pós-imperativo da VCN, levanta a questão e nos leva a formular a hipótese de estarmos em presença de um verdadeiro "modelo" experimental daquilo que constituiria o "processo primordial", fundamento de alienação mental.

B. Efeitos Dísparos

Esses aspectos apenas se referem a manifestações comportamentais objetivas dos fenômenos neurovegetativos e das impressões subjetivas. Estes fenômenos são intercorrelacionados e ordenados em torno de dois polos que permitem constituir dois grupos diversos (quadro VI);

-O grupo A compreende quatro sujeitos onde observamos as mesmas modificações comportamentais e subjetivas e que, sobretudo, apresentam um estado de **excitação acentuada**: todos com excitação verdadeiramente febril, incapazes de se conterem, impediam a boa marcha da experiência, seja tentando arrancar os eletrodos, seja tentando retirar o seu bocal, seja, ainda, se recusando em fechar os olhos durante as provas eletrofisiológicas.

Esta agitação motora se acompanhava de gargalhadas aparentemente injustificáveis, em função do contato ambiental. À concentração de 50% a atitude diante da prova cognitiva foi especialmente marcada por uma extrema desenvoltura e franca dissipação de tal modo que estas provas foram praticamente todas recusadas. Estes mesmos sujeitos descreveram a experiência como muito agradável e provocadora de um verdadeiro estado de euforia: eles tinham a impressão de viverem um sonho durante o qual eles efetuaram uma viagem fantástica no imaginário ao mesmo tempo que experimentavam um sentimento de eternidade e de ligeireza. Nenhum deles apresentou distúrbios neurovegetativos além de bradicardia e transpiração profusa.

-O grupo B compreende os outros cinco sujeitos, onde observamos precisamente o inverso, isto é, uma inibição constante, com sonolência e apatia, ou apresentando uma alternância entre períodos de calma tranquila e de fases de relativa agitação. No primeiro caso, sonolentos, verdadeiramente "entorpecidos" pelo gás, os três sujeitos ficaram completamente imóveis, sem manifestarem emoção e as provas cognitivas não conseguiram fazê-los sair desse estado de torpor. Incapazes de compreenderem as instruções e de abrirem os olhos, eles não puderam praticamente realizar as provas. Foram exatamente esses mesmos sujeitos que vomitaram durante a experiência. A segunda eventualidade concerne a dois sujeitos que puderam executar a maior parte das provas que

lhes foram apresentadas. Porém, todos esses sujeitos declararam ter apresentado (durante as sessões de inalação com concentração a 50%) um sentimento disfórico, ligado, para os três primeiros, a uma verdadeira impressão de pesadelo, com a sensação de tipo paranóide, de ser um "brinquedo impotente dos experimentadores".

2. ESTUDO COMPARATIVO

É evidente que o número reduzido de casos observados nos impede de realizar um procedimento estatístico rigoroso das relações entre os diferentes dados. Entretanto, esse estudo clínico guarda todo seu valor indicativo.

Em primeiro lugar, é interessante constatar que os sujeitos que pertencem ao

grupo A e que reagiram de modo positivo ao efeito do gás, com elação e excitação psicômotora, são estudantes cujos interesses se situam entre as Artes e as Ciências Humanas (artes plásticas, história da arte, arte da difusão e filosofia), enquanto que aqueles do grupo B compreendiam quatro estudantes de Medicina e um estudante de Ciências Sanitárias - foram os mesmos que não "viveram" o Protóxico de Azoto como um gás particularmente "hilariante". Os primeiros viram no experimento a ocasião de beneficiar as "virtudes" do gás, com a eventualidade estimulante da descoberta de sensações novas e enriquecedoras, enquanto que os segundos conceberam a situação segundo um modo sensivelmente diferente, considerando-a sobretudo sob um prisma científico, com o de-

sejo consciente de contri -
buir ao sucesso da pesquisa
e não ocultando suas preocu -
pações em agir por "dever".

Em segundo lugar, parece -
nos digno de interesse notar
que os protocolos de Rors -
chach, dos quatro sujeitos
do grupo A, pertencem todos
ao perfil "limítrofe", en -
quanto que quatro sujeitos
sobre cinco do grupo B, pro -
cessem um protocolo que se
inscreve no registro neuróti -
co com polaridade fóbico-obs -
sessiva (quadro VI).

Esta hipolarização mere -
ceria ser assinalada e ape -
nas um caso escapou a este
reagrupamento: trata-se de
um estudante de medicina
(Bernard), cujo protocolo de
Rorschach a despeito da redu -
ção no número de respostas
(12), comporta uma irregável
riqueza cinética (5) e uma

tonalidade geral narcisísti -
ca. Embora ele nunca tenha
apresentado distúrbios do
tipo psiquiátrico, este su -
jeito safa de patologia psi -
cossomática, pois ele era
obeso: além de suas impres -
sões subjetivas de ordem
disfórica, ele apresentava
manifestações neurovegetati -
vas de intolerância maior
sob a forma de vômitos.

DISCUSSÃO

Tais constatações levan -
tam questões cuja importân -
cia técnica não se pode ig -
norar. Encaradas sob uma
perspectiva estritamente
correlacionista e "ingê -
nua", postulando um determi -
nismo estreito entre fisio -
logia e comportamento, es -
sas constatações pareciam
"paradoxais", pois seria de
se esperar que os mesmos e -
feitos fisiológicos atesta-

dos pelas modificações homogêneas da VCN e os efeitos psicofisiológicos de base (fenômenos percepto-motores e psico-sensoriais de aparência catatônica) sejam associados a manifestações clínicas comuns a todos eles. O que não ocorreu. De fato, esta disparidade de comportamento e de experiências vividas é modulada pelas expectativas dos sujeitos e as "organizações de personalidade" que o teste de Rorschach permitiu apreender. Parece-nos essencial assinalar que estes resultados se inscrevem em uma sequência", que se sucede em níveis de funcionamento hierarquizados, dos diversos processos, estreitamente correlacionados entre si, mas com pequena dependência uns dos outros.

Nota-se que um **determinismo** evidente na relação base-

efeito, entre o produto e o aparecimento constante de manifestações psicofisiológicas e eletrofisiológicas homogêneas, contribui para esboçar um quadro basal com certa semelhança a uma síndrome catatônica, que poderia representar aqui, um verdadeiro modelo experimental psicofarmacológico.

Por outro lado, evidencia-se uma independência relativa entre essas condições fisiológicas e toda uma série de comportamentos elaborados e de estados de consciência mais complexos.

Enfim, encontra-se uma estreita correlação entre estes tipos de comportamento e de "vivências" e os perfis do Rorschach, apreendidos anteriormente à experimentação como estes sujeitos, como se o determinismo influísse no-

vamente no sentido "comportamento-estrutura de personalidade". Com efeito, os sujeitos que apresentaram condutas de excitação psicomotora, com "vivência" eufórica durante a experimentação, apresentaram no Rorschach um perfil do tipo "limite", principalmente caracterizado por uma certa plasticidade, enquanto aqueles que, ao contrário, mostraram-se mais "depressivos", menos expansivos, com uma "vivência" mais disfórica e com comportamentos até certo grau marcados por uma inibição e, para alguns sujeitos, com manifestações neurovegetativas pronunciadas, apresentaram no Rorschach uma estrutura mais rígida e uma pola-

ridade do tipo neurótico-obsessiva.

O primeiro tipo de ligação, estritamente determinado e evidenciando um processo de "dissolução-reconstrução", poderia ser compreendido e explicado por uma referência explícita à teoria orgânica dinâmica (Ey, 1975). O segundo tipo de fatos testemunha a evidência da realidade de uma "variabilidade comportamental interindividual" implicando nos ajustamentos às injunções fisiológicas, este "jogo de possíveis" (Jacob, 1981) que já mencionamos na introdução deste artigo.

O terceiro atestaria que as disposições

motivacionais "definidas" são susceptíveis de modular os efeitos das imposições exteriores sobre o sistema nervoso central. Estes fatos encontraram sua significação num quadro de enfoque estruturalista e com uma dupla perspectiva psicodinâmica e fenomenológica.

Segundo esta perspectiva, já clássica no domínio projectivo e mais particularmente, na prova de Rorschach, é que nos situaremos para concluir, formulando dois comentários que poderiam ter um valor explicativo:

- O primeiro se refere às próprias contingências da situação experimental que apenas descrevemos de modo livre. Não se pode esquecer que os sujeitos estão todos deitados, com bocais para a introdução do Protóxido de Azoto e

cercados por personagens femininos benevolentes (anestetas, pesquisadora e técnicas).

Não se pode duvidar que tal ambiente favoreça a emergência de um desejo inconsciente de "regressão passiva oral", correlata de um sentimento de abandono e de comunicação quase em função com o ambiente. Pode-se facilmente conceber que esta reativação "pulsional" suscite comportamentos bem distintos em função de mobilização defensiva própria a cada uma das categorias dos sujeitos; assim, aqueles cujo protocolo de Rorschach revelava uma organização do tipo "limite" puderam efetivamente ter uma maior propensão em encontrar nesta fuga temporária em uma oralidade regressiva, uma grande ressonância afetiva, enquanto que, por outro la -

do, aqueles cujos protocolo evidenciava uma trama neurótica-obsessiva, sujeitos cuja mobilização defensiva consiste precisamente em manter estas necessidades orais afastadas, com preocupação constante em dominar a situação, assumiram tais desejos e não deixavam de experimentar um profundo desnorteamento face à perda progressiva deste controle que lhes foi imposto, esforçando-se em reagir com uma atitude de rigidez e de inibição. É fácil de compreender que, quanto mais um sujeito, em uma perspectiva adaptativa, mantiver um controle rígido sobre sua vida pulsional, menos ele poderá suportar o efeito desinibidor do Protóxido de Azoto.

- O segundo comentário se refere às semelhanças evidentes entre esta situação experimental e as condições pro-

priamente ditas de anestesia: a este respeito já se tem observado a frequência com que a anestesia é suscetível de despertar potenciais de morte a partir do entorpecimento progressivo a- crescido de perda de iniciativa motora que ela provoca. Esta angústia de morte seria mais intensa nos sujeitos com organização de personalidade do tipo obsessivo, o que nos faz compreender a maior dificuldade que teriam para suportar essa situação.

Concluindo, poderíamos dizer que o primeiro tipo de ligação estritamente determinado, que introduz a sequência que acabamos de evocar, poderia ser ilustrado por uma metáfora conhecida, a "casca de cebola": seria uma entidade que vai se despojan- do das camadas superficiais até chegar à sua origem, ao

sêu núcleo. Para a terceira, ao contrário, estabelecendo uma estreita correlação entre tipos de comportamento e estrutura de personalidade usariamos a metáfora, não menos célebre, do "cristal" (Freud, 1936): o objeto só pode ser partido segundo linhas de clivagem préformadas. Sabe-se que, através desta linguagem metafórica, defrontam-se, no campo da psicopatia geral, importantes correntes doutrinárias. No primeiro caso, admite-se que qualquer indivíduo, qualquer que seja a organização de sua personalidade, poderá, se as circunstâncias assim permitirem, apresentar todas as formas possíveis de descompensação psíquica, desde os estados distímicos superficiais, até as mais profundas desorganizações psicóticas. No segundo caso, ao contrário, a forma sob a

qual uma descompensação se apresenta, não é contingente mas determinada pela estrutura prévia. Um sujeito que pertence a uma linha neurótica, por exemplo, não poderá, de modo algum, ter manifestações de ordem psicótica e vice-versa (Bergeret, 1974).

Pouco conciliáveis à primeira vista, estas posições teóricas são, na realidade, complementares, se admitirmos que elas se referem a níveis de integração diferentes e que precisamente nesta diferença é que se fundamentam os "graus de liberdade".

Concluindo, por mais extenso que possa parecer o estudo da Variação e Contingente Negativo, uma análise comportamental objetiva, rigorosa e a prática da prova de Rorschach, a utilização conjunta destas diversas técni-

cas, em uma situação experimental, nos mostrou toda a fecundidade das diligências pluri-disciplinares.

RESUMO

Com o objetivo de aprofundar o estudo das relações possíveis de se estabelecer entre dados psicofisiológicos e manifestações comportamentais, nove sujeitos voluntários submeteram-se a inalações de doses crescentes de Protóxido de Azoto (N_2O) - 0%, 25% e 50% em sessões experimentais, ao longo dos quais foram feitas análises a nível de comportamento psicomotor e neuro-vegetativo (observação metódica), de processos cognitivos (testes) e de estados subjetivos (questionários), ao mesmo tempo em que se registrava a Variação Contingente Negativa

(VCN). A prova de Rorschach foi aplicada antes da experiência, a fim de se delinear a estrutura da personalidade. A análise dos resultados nos leva claramente a que, ainda que utilizado em concentrações mais fracas do que aquelas comuns em anestésias, o N_2O exerce efeito constante no plano psicofisiológico, em todos os sujeitos, e foi marcada ao mesmo tempo por sinais de depressão global do Sistema Nervoso Central (diminuição da frequência do EEG diminuição do potencial evocado) e sinais de ativação mais seletivos (manutenção da amplitude e prolongamento da duração da VCN). Em compensação, do ponto de vista clínico, se alguns desses efeitos são constantes e homogêneos, notadamente aqueles sobre memória, avaliação do tempo e inicia

ção motora, outros são heterogêneos e levam à identifica-ção de dois grupos contrastantes: excitação psicomotora marcada, manifestações neuro-vegetativas moderadas e sentimentos de elação são registrados em quatro dos sujeitos : inibição manifesta ou predominante, importantes problemas neurovegetativos, sentimentos disfóricos são registrados entre os outros cinco. O gás "hilariante" nem sempre faz rir. No primeiro grupo, os sujeitos apresentam. segundo o teste de Rorschach, um perfil que os filia à linha "limite", enquanto no segundo , nota-se que quatro dos cinco casos apresentam um protocolo do tipo neurótico, com tendência fóbica- obsessiva. Assim, parece-nos que a estrutura da personalidade parece mais fle

xível no primeiro grupo e mais rígida no segundo.

**
*

ESCOLA ROMANA RORSCHACH

XII CONGRESSO RORSCHACH - SÃO PAULO - BRASIL

JULHO, 1987

A IDENTIFICAÇÃO SEXUAL NA PRANCHA III

GIOVANELLI G.C.*

CRISI A.**

CAPRI P.**

GIGANTESCO A.***

MIOZZA R.***

O estudo analítico relativo à tipologia e à quantidade das interpretações desenvolvidas, prancha por prancha, durante a pesquisa da áres paralela, tem evidenciado na prancha III um desempenho tão pelicular que nos induziu a isolar os pontos mais significativos em outro projeto de pesquisa.

Este trabalho, mesmo levando em conta os dados obtidos, tem somente caráter preliminar. Os resultados desta

pesquisa de fato representam os dados do estudo com o objetivo de qualificar a frequência e tipologia das interpretações dos conteúdos humanos (H), obtidas na prancha III durante a administração do teste.

Estudos prévios (Loosli-Usteri, 1958; Lindner, 1947; Schafer, 1954) têm mostrado que as respostas de conteúdos humanos são aquelas mais frequentemente dadas para as grandes porções escuras da

* Chefe da Divisão "Following-Up" do S.R.R.

** Chefes da Divisão de Pesquisa do S.R.R.

*** Membros Colaboradores do S.R.R.

prancha (D7; para Bohn, D7 e D8) e devem, portanto, ser consideradas banais.

Os grandes detalhes laterais, através do efeito de pequenos detalhes Dd 18 e Dd 19 (para Bohn, Dd 11 e Dd18), globalmente assumem uma configuração que favorece as interpretações das formas humanas, masculina e feminina.

A atual configuração gestáltica-perceptiva nos induz a considerar a natureza da interpretação humana desta prancha, merecedora de atenção clínica específica quando comparada com as produzidas pelas outras pranchas. Interpretações, que foram sempre índices da natureza e da qualidade de interesse social, parecem permitir, de acordo com esta prancha, em relação às escolhas interpretativas consequentes das diferentes possibilidades associativas,

deduções interessantes das experiências relativas à identidade sexual do paciente.

Loosli-Usteri (1958) já esboçou o significado diagnóstico no desenvolvimento psicossexual, do sexo específico da do às formas humanas interpretadas em relação ao sexo do paciente. Seus estudos conduziram à definição desta prancha como uma de "o aspecto moral da virilidade". Da mesma maneira, Schafer (1954), enumerando os elementos que conduzem à formulação da hipótese sobre o tema medos e recusa de sua própria identidade sexual, indica interpretações de "mulher ou bissexual" vistas nas formais banais da prancha.

Outros autores, entre eles Lindner (1947), apontaram a frequência de respostas "mulheres" aos detalhes descritos durante o desempenho do

teste por pacientes homossexuais.

Em nossa opinião, mesmo admitindo a preponderância do elemento fálico nesta estampa (Dd 19; para Bohn, Dd 11), a presença de atributos femininos é relevante (Dd 18 e Dd11; para Bohn, Dd 11 e Dd 17) e favorece as interpretações de formas femininas, Nós desejamos desenvolver uma pesquisa sobre uma amostragem casual de homens e mulheres, com a finalidade de anotar a frequência de respostas H, masculinas e femininas.

METODOLOGIA

O grupo de amostras analisado é casual e composto de 482 pacientes, 241 homens e 241 mulheres, todos com idades entre 25 e 34 anos..

Selecionamos uma amostra -

gem de pacientes cuja identidade sexual admitimos ser bem consolidada. Nós optamos, portanto, por esta amostragem considerando que o desenvolvimento psico-sexual das idades de 25 a 34 anos atingiu a maturidade e que cada paciente pertence a um dos dois sexos.

Não nos parece necessário subdividir posteriormente a amostragem, por exemplo, pela origem geográfica, nível de educação, etc. Nós consideramos esta pesquisa, contudo, como um estudo piloto, um estágio de primeira observação de dados característicos.

A AMOSTRAGEM

Nossa amostragem não inclui protocolos, tais como:

- a) Pacientes cujos dados de anamnésia incluíssem inci

dentes, tais como tentativas de suicídio, hospitalização mental, dependência tóxica, alcoolismo e outros tipos de dados que fossem classificados em um campo patológico.

b) Pacientes cujos protocolos mostrassem sinais de presença orgânica (Piotrowski), síndrome esquisofrênica (Kats), oligofrenia (Zulliger), de pressão endógena ou aspectos neuróticos de intensidade particular (mais do que uma recusa).

c) Pacientes que, no momento da administração, estavam sob tratamento psicoterapêutico e psicofarmacológico ou sob os efeitos de separação familiares e traumas.

d) Pacientes que se declaram homossexuais evidenciados na base de análises de protocolos (Salomon, 1959).

O teste de Rorschach foi administrado para todos os pacientes. Mais tarde analisamos as interpretações dadas para cada paciente na prancha III, com a finalidade de revelar, no grupo de pacientes masculinos e no de pacientes femininos, do seguintes dados:

1) Número de pacientes que não deram respostas de conteúdo H.

2) Número de pacientes que deram respostas de conteúdo H e entre quantos:

a) configuram-se como H ♂
(m)

b) configuram-se como H ♀

(f)

c) configuram-se como H ♀
(hermafroditas)

d) configuram-se como H
(indefinidos sexualmente)

Utilizamo-nos de duas tabelas com a finalidade de apresentar uma visão geral dos resultados.

A primeira tabela mostra, respectivamente, para a amostragem masculina e feminina: o número total de pacientes em que foram administrados o teste e entre eles, aqueles que foram dados, na prancha III, respostas do conteúdo H, especificamente, o número de pacientes que não deram respostas do conteúdo H em relação ao número total.

TABELA 1
Respostas

	Nº total de pacientes	H	Ho	Hq	Hq	H não ind. conteúdo sex.	H Sem conteúdo
Homens (25-34)	241	187	48	108	15	16	54
Mulheres (25-34)	241	195	74	97	10	14	46

Na segunda tabela, calculamos, para cada grupo de pacientes, a frequência, expressa em porcentagens, de respostas de conteúdo H e aqueles que tiveram um conteúdo diferente de H, diferenciando o primeiro grupo em H_o, H_q, H_q e H não identificados sexualmente.

TABELA 2

Porcentagem de frequência de respostas

	H	H _o	H _q	H _q	H não ind.sex.	Nenhum conteúdo de H
Homens (24-34)	78	26	58	8	8	22
Mulheres (25-34)	81	38	50	5	7	19

CONCLUSÕES

resposta ao conteúdo H.

As porcentagens observadas na amostragem masculina mostram: de um número total de 187 pacientes que deram respostas H na prancha III, 78% do número total de pacientes examinados, 26% deram respostas H_o, 58% respostas H_q, 8% respostas H_q, 8% com respostas sem identificação sexual e, finalmente, 22% dos pacientes não deram respostas do conteúdo H.

As porcentagens observadas na amostragem feminina mostram: de um número total de 195 pacientes que deram respostas H na prancha III, 81% do número total de pacientes examinados, 38% deram respostas H_o, 50% respostas H_q, 5% respostas H_q, 7% com respostas sem identificação sexual e, finalmente, 19% dos pacientes não deram uma

BIBLIOGRAFIA

R - BOHN, N. **Manuale di Psicodiagnostica de Rorschach.** Firenze Barbera, 1969.

EXNER, J.E. JR. **The Rorschach A Comprehensive System.**Vol.1, New York, John Wiley & Sons, 1974.

GANZERLI, P., LAURENZI, E., MONDA, M. **Introduzione all'interpretazione Kleniana del Rorschach.** Roma, Edizioni Universitarie Romane, 1984.

LINDER, R. M. **Analysis of Rorschach Test by Contést.** J.Clin. Psych., Vol. 8. 1947.

LOOSLI USTERI, M. **Manual pratique du Test de Rorschach.** Paris, Hernann, 1965.

PIOTROWSKI Zygmunt A., Ph. D. **Perceptanalysis a fundamentally neworkel expounded and systemmatized Rorschach.** New York, The Macmillan Company, 1957. The Rorschach Inkblot Method in Organic Disturbances of the Central Nervous System. The Journ of Nervous and Mental Discase.

RIZZO, C., PARISI S., PES P. **Manuele per la raccolta, localizzazione e siglatura delle interpretazioni Rorschach.**Ed. Kappa, Roma, 1980.

RORSCHACH, H. **Psychodiagnostic**. Paris, Presses Universitaire de France, 1947.

SALOMON, F. Diagnostich des mécanismes de défense dans le Test.Z individuel et collectif, in **Rorschachiana** V.Bern, Hans Huber, 1959.

SCHAFER, R. Psychoanalytic Interpretation, in **Rorschach Testing Teory and Application**. New York, Grune & Stratton , 1954.

ZULLIGER, H. **Imbezillitat in der spiegelung des Tafels Z - Test**. Zeitschr. f. Diagn. Psychologic und Personlichkeitsforschung, Vol. II, 1954.



SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO
REPRODUÇÃO PROIBIDA

CARACTERÍSTICAS DO PACIENTE ASMÁTICO ATRAVÉS DO PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH

- * Cristina Maria de Souza Brito Dias
- * Maria da Penha de Lima Coutinho
- * Hartmut Gunther

INTRODUÇÃO

Sabemos que a asma brônquica é uma afecção frequentemente encontrada na infância e adolescência e que, por sua propensão a se tornar crônica, se constituiu em grande prejuízo social. Sendo uma doença considerada psicossomática, na qual é sobejamente reconhecida a importância dos fatores emocionais envolvidos interessamos em estudar as características psicológicas do paciente asmático. Para tal, utilizamos o Psicodiagnóstico

de Rorschach com 30 pacientes adultos asmáticos crônicos. Esperamos que este trabalho possa trazer alguma contribuição àqueles que lidem com o problema.

1. METODOLOGIA

1.1 - Sujeitos

Constituíram-se de 30 pacientes adultos e asmáticos crônicos, sendo 15 do sexo masculino e 15 do sexo fe-

minino. Todos estavam internados num hospital de João Pessoa, devido à crise asmática e provinham de nível sócio-econômico baixo, não apresentando internações psiquiátricas.

1.2 - Instrumento

Foi feita uma entrevista com cada paciente e logo após foi-lhe aplicado o Psicodiagnóstico de Rorschach.

1.3 - Procedimento

Após uma apresentação inicial, por parte dos autores, na qual se dizia, a finalidade do trabalho, dava-se início à entrevista e, posteriormente, ao teste.

Os testes foram classifi-

cados segundo a terminologia francesa e comparados com resultados encontrados por Guerra (1980) em uma população do Recife, por serem mais próximos de nossa realidade. Posteriormente, foi feito um tratamento estatístico dos resultados dos psicogramas.

2. RESULTADOS

Apresentaremos, numa tabela, os resultados médicos encontrados em cada grupo, os esperados, segundo a pesquisa de Guerra.

TABELA 1
Resultados médios encontrados e esperados

INDICADORES DO TESTE	GM GRUPO MASCULINO	GF GRUPO FEMININO	RESULTADO ESPERADO
Nº de R	10,8	11,4	15
T/R	1.13"	57"	52"
G%	66,20	42,61	36,00
D%	25,86	42,21	42,00
Dd%	7,92	15,08	20,00
F% e F+%	60,05 e 74,00	57,07 e 64,01	50,00 e 53,00
A%	57,92	42,50	49,00
H%	16,55	21,91	16,00
Ban%	34,19	27,82	19,00
3 últimas%	31,57	31,87	35,00
Nível ansiedade	16,94	28,06	20,00

3. DISCUSSÃO

Nos deteremos agora nos dados que chamaram mais a nossa atenção; aqueles que não foram abordados mostraram-se conforme o esperado.

Através dos indicadores do teste constatamos as seguintes características no paciente asmático, embora sem diferença significativa entre os sexos:

1) Pouca produtividade, detectada pelo baixo número de respostas (\bar{x} N^o R : GM - 10,8 e GF - 11,4);

2) Lentificação geral do curso do pensamento, uma vez que o tempo de resposta esteve acima dos 52" esperados na população adulta (\bar{x} T/R: GM-1'13" e GF - 57");

3) Rigidez, imaturidade e estereotipia na conduta,

face à boa presença do conteúdo animal (\bar{x} A: GM -57,92% e GF-42,50%) , sendo que tais características foram encontradas por outros pesquisadores (Biermann, 1984);

4) Pobreza de vida afetiva e interna devido ao predomínio dos tipos de vivência coartado e coativo (66,66% em ambos os grupos), constituído-se numa característica da doença psicossomática em geral (Bash, 1985);

5) Preocupação com o corpo e a saúde, dada a presença de respostas com conteúdo anatomia em grande parte dos testes, inclusive com elaborações, tais como "boca tossindo, boca com dificuldade de respirar, pulmões". Isto re-

flete a realidade desses indivíduos que passam grande parte de suas vidas em hospitais e sua problemática;

6) Aliado ao item anterior, ressaltamos um nível não desprezível de ansiedade (GM - 16,94% e GF - 28,06%), retratando a ansiedade deles ao se verem impossibilitados de levarem uma vida normal;

7) Insegurança e sentimento de inferioridade, pela ocorrência em vários testes dos fenômenos resposta interrogativa e crítica ao sujeito;

8) Agressividade, detectada através de respostas com significado agraço (mutilação, sangue, referência a ossos e unhas), sendo que tal característica também foi relaciona

da por outros autores (Biermann, 1984);

9) A regressão à fase oral pode ser observada pela presença de respostas ligadas a alimentos e à boca, dadas por alguns sujeitos;

10) Dificuldade na área sexual, inferida pela presença de vários fenômenos em relação à lâmina VI, tais como rejeição, choque; foi a menos escolhida por vários sujeitos, embora tenha havido várias respostas com desejo de contato. Na nossa opinião, é como se esses pacientes desejassem e, ao mesmo tempo, temessem a aproximação com os outros;

11) Finalmente, verificamos a problemática em relação à figura materna,

uma vez que a lâmina VII apresentou várias respostas de má qualidade e também foi alvo de fenômenos especiais, comprovando a influência negativa que a mãe pode exercer na vida do asmático.

Os indicadores que se mostraram quase significativos foram: o conteúdo humano e a resposta banal.

Embora a porcentagem do conteúdo humano, aparentemente, tenha sido adequada (\bar{x} H: GM - 16,53% e GF - 26,91%), grande parte da mesma foi constituída pelo perceptos Hd e (H); observamos, ainda, a ausência de resposta humana esperada na lâmina III (46,66% no GM e 53,33% no GF) e que a lâmina IX foi marcada por vários fenômenos especiais. Tudo isso reflete a dificuldade de relacionamento desses pacientes, embora as mulheres

tenham mostrado maior interesse pelo outro, como comprova a maior presença de respostas cromáticas no referido grupo. A dificuldade de relacionamento foi confirmada por outros autores (Biermann, 1984).

A elevada porcentagem da resposta banal reflete passividade e dependência ao grupo (\bar{x} Ban: GM - 34,49% e GF - 25,82%), contudo, tais características tenderam a ser mais acentuada nos homens. Foi confirmada, portanto, uma das características básicas do paciente asmático, que é a dependência. A porcentagem de Ban se aliam a boa presença do conteúdo planta e o uso de diminutivos, os quais possuem o mesmo significado psicológico.

Finalmente, nos deteremos nos indicadores que apresentaram diferenças significativas entre os sexos: as respostas

global e de detalhes comum.

A percentagem de respostas globais foi bastante elevada no grupo masculino (\bar{x} G - 66,20%), revelando a maior capacidade de abstração desse grupo, enquanto as mulheres a apresentaram dentro do esperado (\bar{x} G - 42,62%). Por outro lado, estas se mostraram mais concretas, objetivas e práticas (\bar{x} D - 42,20%) do que os homens (\bar{x} D - 25,86%). Ambas as respostas foram significativas a um P - 0,3% e P - 1,6%, respectivamente.

CONCLUSÃO

Nosso estudo corroborou várias características que já foram encontradas por outros pesquisadores na doença psicossomática, em geral, e na asma brônquica, em particular. Entre estas, citamos:

rigidez e imaturidade na conduta; dificuldade afetivas, especialmente em relação à figura materna; tipos vivencial coartado e coartativo denotando pobreza de vida afetiva e interna; dependência e passividade; ansiedade e agressividade.

Constatamos, também, outros dados que não foram elencados por outros autores: uma percepção mais abstrata e teórica, especialmente nos homens; problemática na área sexual, como decorrência das dificuldades afetivas; lentificação geral do curso do pensamento e pouca produtividade. Acreditamos que o primeiro achado se deve a uma fuga da realidade angustiante que cerca o asmático, levando-o a se refugiar na fantasia e a ter uma percepção mais abstrata que objetiva do mundo que o cerca. O curso do pensamento

lentificado e a pouca produtividade podem se dever à dependência, que é característica básica do asmático, fazendo com que ele não se empenhe em maiores conquistas.



BIBLIOGRAFIA

- ADRADOS, Isabel, **Teoria e Prática do Teste de Rorschach**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1975.
- ANZIEU, Didier. **Os Métodos Projetivos**. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1981.
- AUGRAS, Monique. **Teste de Rorschach - Atlas e dicionário**. Rio de Janeiro, FVG, 1976.
- BASH, K. M. **Psychosomatic Digresses in the Rorschach Test**. Palestra proferida no VI Congresso Latino-Americano de Rorschach e outras Técnicas Proferidas, São Paulo, julho, 1985.
- BIERMANN, G. **Aspectos psicossomáticos da Asma Brônquica**. Diálogo médico da Roche, Ano I, nº 4, 1984.
- GUERRA, Alba. **O Psicodiagnóstico de Hermann Rorschach - Atlas e Dicionário**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1980.
- RORSCHACH, H. **Psicodiagnóstico**. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1974.

PRIMEIROS RESULTADOS DA EXPERIMENTAÇÃO DA 1ª E 2ª SÉRIES DO
PROTÓTIPO DAS MANCHAS PARALELAS, ELABORADAS POR S. PARISI E
P. PES⁽¹⁾

Parisi S.; Pes P.; Capri P.; Cupini
F.; L Imperio A.⁽²⁾; Fiumara R.; Ca
polari M.⁽³⁾.

Tradução: Pereira, A.M.B.

O projeto de realizar uma e
ficaz série de Pranchas Para-
lelas ao teste de Rorschach
responde à exigência, já ad-
vertida pelo próprio Rors -
chach, de poder reaplicar o
teste aos mesmos sujeitos, em
condições e situações diferen-
tes (exemplo: normais, em di-
ferentes condições de humor,
antes e depois de um tratamen-
to psicotarápico - H. Rors -
chach).

Até hoje se entende por
Pranchas Paralelas as séries
de manchas semelhantes por al-
guma característica, mas di-
versas das de H. Rorschach.
Tais séries servem para efetu-
ar um reteste, onde a aprendi-
zagem e a memorização poderi-
am comprometer o uso das refe-
ridas pranchas, ou mesmo por
questões especiais como em pe-
rícia legal, seleção de pesso-
al, casos em que se possa ve-

(1) Trabalho apresentado no XXXVI Congresso Nacional da Socie-
dade Italiana das Psiquiatria, em Milão, em outubro de 1985

(2) Pertencentes à Scuola Romana Rorschach.

(3) Pertencentes ao Departamento de Saúde Pública da Universi-
dade Tor Vergata, de Roma.

rificar um adestramento pre - cedente à administração do teste.

Rorschach, em seu tratado "Psychodiagnostick", não apresentou as suas dez pranchas como as únicas adaptadas e indispensáveis para o estudo da personalidade (ele mesmo convidava os leitores a construir outras, porém, propôs um sistema de estudo baseado na decodificação (por leitura das siglas) de qualquer interpretação dada a uma mancha de tinta. Isso explica porque foi possível a Rorschach reduzir o número de pranchas a dez, renunciando ao número original de lâminas previstas, por causa da restrição imposta pelo editor.

Portanto, é claro o motivo porque Rorschach considerou a questão das Pranchas Paralelas de simples e fácil

resolução. A única indicação que ele forneceu a respeito foi a de respeitar o número e a sequência cromática das pranchas por ele propostas.

Atualmente, a despeito da primitiva indicação de Rorschach, o problema da realização de uma série de manchas paralelas se apresenta muito mais complexa. De fato, o uso continuado e sistemático de sessenta anos da série original, levou por um lado, a um aprofundamento a uma evolução da prova, e por outro, a identificar em cada uma das dez pranchas as características específicas o que veio ampliar consideravelmente o seu campo de investigação. Isso permite definir o teste de Rorschach como um instrumento fidedigno de investigação da personalidade, não só pelos pressupostos enunciados pelo autor, mas também por uma notá

vel quantidade de informações resultantes da análise formal e do conteúdo de prancha por prancha. Se considerarmos que o conjunto de informações que derivam da interpretação de um protocolo das dez pranchas originais é produto da percepção das mesmas uma série paralela eficaz deve suscitar também prancha por prancha, as mesmas emoções que permita a associação, resultando numa resposta similar à da prancha original.

Até hoje são três as séries de manchas propostas como Paralelas às Pranchas de Rorschach; são conhecidas como Pranchas Be-Ro (1920); Fu-Ro (1938); Ka-Ro (1970). Para a elaboração da primeira série, junto à H. Benh, colaborou o mesmo Rorschach em 1920. As pranchas foram editadas em 1941. A semelhança destas manchas às de Rors -

chach revela, como já ele mesmo havia intuído, que uma boa série paralela devesse, além da mesma indicação relatada no Psychodiagnostick, a cerca do número e de sua sistematização cromática, por a gestalt muito semelhante à série original. Esta série reespelha suficientemente o conceito em relação ao Rorschach, a diferença cromática, a falta lâmina por lâmina de algumas características reconhecidas hoje como fundamentais nas pranchas originais, não permitem defini-la como "Série Paralela Ideal".

A segunda série foi efetuada por C. D. Fuchd (1938), que a publicou nos Estados Unidos em 1958. É esta a série que podemos hoje definir como menos paralela das três quanto as dez lâminas, se distanciando demais da série original, seja pela gestalt

geral que, por sua colaboração cromática e de claro-escuro perde, além disso, as características particulares, as características evocativas e simbólicas, sejam os aspectos que permitem hoje descrever a "personalidade" de cada uma das pranchas de Rorschach.

Muito interessante é, no entanto, a experiência japonesa de Yasafumi Kaguchi que, em 1970, editou a sua série e o manual corresponde "Psychopsy" - Manual for Ka-Ro inkblok test.

Na realidade, pelo estudo e uma série de trabalhos e pesquisas conduzidas com estas lâminas, é que se iniciou a história das Manchas Paralelas da Scuola Romana Rorschach. O aspecto mais interessante do trabalho de Kaguchi é o de propor uma série de pranchas muito pareci

das às pranchas de Rorschach, partindo do mesmo princípio que dirige hoje o presente trabalho, de manter o mais possível - nas Pranchas Paralelas - as características das lâminas originais. Todavia, algumas carências encontradas não nos permitem concordar com o autor, que define as suas manchas como a "Série Paralela Ideal" (o exemplo mais próximo é o do cartão VI, no qual a evocação é quase que inexistente).

A experiência de Kataguchi tem, no entanto, sugerido uma hipótese precisa de trabalho, isto é, que para a realização de uma série de Manchas Paralelas, se deve abandonar o princípio e a idéia de prosseguir escolhendo, com critério, manchas realizadas com a técnica da tinta caída sobre a folha e sucessivamente dobrada, isto é, produzida casualmente, mesmo quando os

princípios que orientavam a escolha são aqueles de manter a mesma característica do original; com esta técnica, o sucesso seria impossível. A única solução é a de construir centímetro por centímetro. Em outras palavras, saber o que em cada cartão original é característica fundamental e significa e o que, todavia, é supérfluo. O ponto de partida consiste em traçar a idêntica estrutura que foi utilizada para a criação da figura, sendo diversa por algumas características (aquelas supérfluas) e perfeitamente iguais por outras (aquelas fundamentais e significativas).

Para a realização das lâminas se decidiu confiar o trabalho a dois pintores aos quais se forneceu os esboços estudados e desenhados grosseiramente em folha velina⁽⁴⁾.

Sobre a velina, os pintores deveriam fazer várias tentativas possíveis com o sistema de folha dobrada. Para a sistematização da primeira série de Manchas Paralelas, escolheu-se em cada prancha aquela que ficava menos estranha ao esboço primitivo; sobre a prancha assim escolhida um gráfico efetuava - através da indicação dos experimentadores - aquelas modificações que eram necessárias para que fossem respeitadas as características das lâminas originais. Modificações feitas, as pranchas foram entregues a um fotógrafo para que reproduzisse cinquenta séries fotográficas.

Foram administradas a cem indivíduos as manchas de Rorschach e o protótipo da Série Paralela com o sis

(4) Papel pergaminho, bem fino. Nota do Tradutor.

cruzado (à metade da amostra foi aplicado primeiro o Rorschach e depois o Paralelo, à outra metade, o contrário).

Entre as duas aplicações houve um tempo que variou de uma semana a um mês. Foram , além disso, arquivadas numerosas outras "provas" conduzidas com um intervalo de tempo menor (no mesmo dia) ou mais longo (à distância de um ano). O confronto entre as várias "provas" evidenciou um discreto paralelismo entre os dados dos dois psicogramas (por essa ocasião, foram elaboradas tabulações do confronto). Todavia, o confronto mais importante, aquele conduzido prancha por prancha, deixava, ainda, insatisfação.

As imperfeições encontradas na primeira série vão, portanto, conduzindo à modificação de algumas lâminas; a nova série assim obtida foi

experimentada em uma amostra de oitenta adultos, clinicamente normais, de ambos os sexos (quarenta mulheres e quarenta homens), de idades entre 35 e 45 anos, com escolaridade média superior. O intervalo de tempo utilizado entre as suas administrações foi de um mês. A amostra foi dividida em quatro utilizado em quatro subgrupos de vinte indivíduos e a aplicação da série original e da Paralela foi executada com o sistema de duplo cruzamento: Ro-Pa , Pa-Ro. Ro-Ro, Pa-Pa.

A realização gráfico-artística foi possível graças à preciosa colaboração do Sr. M. Altieri e do Sr. F. Cagianelli. As aplicações e as experimentações foram efetuadas pela equipe da unidade operativa da pesquisa da S.R.R.: Ponto 1-Dr. G.C. Giovanelli C.; Dr. A. Crisi; Dr. F. Gicca Palli; Dr. L. Mares

ca; Dr. R. Miozza; Dr.L.Corrente; Dr. E. Caserta;Dr. E. Barile; Dr. A. Crisoliti.

EXEMPLO DE CRITÉRIO E DE PROCEDIMENTO DA PASSAGEM I PARA A II SÉRIE DO PROTÓTIPO

DISCUSSÃO NA PRANCHA I

Nesta parte do presente trabalho procuramos o mais possível revelar os mecanismos que levaram, com o suporte da análise estatística, à substancial variação entre as manchas da primeira para a segunda série.

A Prancha I da primeira série Paralela foi construída devendo responder a alguns requisitos essenciais, entre os quais o mais evidente diz respeito, de um ponto de vista gestáltico, à compactação, à cor escura, à subdivisão vertical em três grandes detalhes e à presença de quatro espaços intra-

maculares afastados em dupla na parte superior da mancha. Em um primeiro impacto, respeitados esta sumário princípios, a lâmina paralela da primeira série é decididamente correta.

O nosso estudo, baseado na análise do confronto da variabilidade formal prancha por prancha de teste e reteste, segundo o esquema de duplo cruzamento, evidenciou o não haver um paralelismo perfeito. O modo de compensação com relação ao qual os indivíduos devem colocar-se, privilegiam, primeiramente, em termos percentuais, a resposta

global e sucessivamente àque-
las que dizem respeito aos
três grandes detalhes verti-
cais assinalados com os núme-
ros 1, o central, e 2, os la-
terais. Na primeira série, a
característica tida como es-
sencial foi efetuada, quanto
à localização, respeitando a
espacialidade da Mancha de
Rorschach.

Outro detalhe, como exem-
plo, é o pequeno apêndice
central superior(D3)⁽⁵⁾, in-
terpretado frequentemente co-
mo "pinça", "tenazes", "gar-
ras de caranguejo", na man-
cha original, foi transferi-
do para a extremidade do
grande detalhe lateral; as-
sim permitia manter o inte-
resse significativo ligado
ao tipo de resposta em ques-

tão, operando ao mesmo tempo
uma variação gráfica formal a
esse respeito.

A mudança mais evidente se
refere ao detalhe lateral(D2)
(6), que na primeira experi-
mentação se revelou formalmen-
te muito próximo ao engrama
humano, tanto que 40% dos in-
divíduos forneceram respostas
de conteúdo humano, quase sem-
pre em movimento.

Emergia desta forma a exi-
gência de intervir graficamen-
te com o fim de tomar a figu-
ra lateral menos impregnada,
a ponto de suscitar resposta
seja humano ou animal. Foi,
assim, eliminado o perfil in-
terno tão marcadamente humano
e foi suprimido um dos apêndi-
ces superiores que, interpre-

(5) O que corresponde, no mapa de localização de Beck, a D1.
Pormenos um P1 segundo o critério da A. Silveira. Nota
do Tradutor.

tado como "corno", havia favorecido numerosos engramas afetivo opressivo como figuras malélicas, demoníacas, no entanto, comprometer o engrama tipo "pinça", "tenazes" e "garras de caranguejo". As variações trouxeram, ao invés do detalhe central (D1)⁽⁷⁾, interpretação só por 13% dos indivíduos, enquanto que se interpretou exclusivamente engramas de conteúdo animal, em uma área onde, na mancha de Rorschach, muito frequentemente se obtém resposta de movimento humano ou comumente de boa forma, do sexo feminino, na grande maioria.

D1 pudesse aproximar-se ao engrama humano do sexo feminino, se trabalhou antes de tudo seu perfil externo, que esteve aprofundado e modelado e sucessivamente sobre o contraste de claro e escuro interno ao detalhe que, sobretudo na maior parte, formada na primeira série um esboço de vulto masculino com olhos, nariz e grossos bigodes.

Mudanças também feitas nos dois brancos centrais superiores (Dim 13)⁽⁸⁾, que eram interpretados muito raramente na primeira experimentação.

Para fazer de modo que

(6) P2, segundo o critério de A. Silveira.* Nota do Tradutor.

(7) P4, segundo o critério de A. Silveira. Nota do Tradutor.

(8) E, segundo o critério adotado por A. Silveira. Nota do Tradutor.

* As localizações do original se referem à publicação: *Manuale per raccolta localizzazione e siglatura delle interpretazioni Rorschach* de Rizzo, C. Parisive Pes. P.

BIBLIOGRAFIA

- KATAGUSCHI Y. - 1970. **Psychopsy Manual for KA-RO inkblot Test**
Ed. Kaneko Shobo,
- PARISI S., Pes P. - **Struttura, atmosfera e "personalità" delle dieci Tavole di H. Rorschach**. Monografie Rorschachiane ,
Ed. Kappa.
- RIZZO C., Parisi S., Pes P. - **L'interpretazione psicodiagnos - tica del Test di Rorschach**, Ed. Kappa.
- RIZZO C., Parisi S. Pes P. - 1980 - **Manuale per raccolta leca- lizzazione e siglatura delle interpretazioni Rorschach** .
Ed. Kappa.
- ZULLIGER H. - 1941 **Cinfubrung in den Behn - Rorschach Test**.Ed.
H. Huber, Bern.

NOTICIÁRIO

- Em 12 de março de 1987 realizou-se a 180ª Reunião Ordinária da Sociedade Rorschach de São Paulo, em sua sede. A psicóloga cubana Monica Sarin esteve presente para divulgar a realização do Congresso Internacional de Psicologia, que realizou-se em Cuba, na data de 29.06.87 a 03.07.87.
- em 31.03.87 ocorreu o falecimento da Psicóloga Maria de Lurdes Moraes Lisoli, nossa aluna, cuja carreira profissional se delineava de modo brilhante e promissor.
- E, 5 de maio de 1987 realizou-se a 181ª Reunião Extraordinária da Sociedade Rorschach em sua sede. Na ocasião, foi empossada a nova diretoria para o biênio 86/88, assim constituí

da:

Presidente: Profª. Drª. Maria Helena C. de Figueredo Steiner

Vice-Presidente: Drª. Lúcia Maria Salvia Coelho

Primeiro-Secretário: Dr. Ruy Benedicto Mendes Filho

Segundo-Secretário: José Carlos T. de Camargo Filho

Tesoureiro: Leda França

Comissão Científica: Ana Maria T.B. Pereira e Lucia Maria R. Cruz Costa

Comissão de Orçamento: Drª. Hilda Clotilde P. Morana e Dr. Roberto Fazzani Neto.

- Em 09 de julho de 1987 realizou-se a 182ª Reunião Ordinária da Sociedade Rorschach de São Paulo, em sua sede. Para a referida reunião foi convidado o Prof. Dr. Meyer Timsit, neuropsiquiatra, professor de psicopatologia e de método de

Rorschach dos países de Liège, Bélgica, e membros da Sociedade Rorschach dos países de língua francesa, que proferiu palestra sobre o tema: O método de Rorschach sob um enfoque psicopatológico experimental dos efeitos do Protóxico de Azoto.

- Em 16 de julho de 1987 realizou-se a 183ª Reunião Ordinária da Sociedade Rorschach de São Paulo, na cidade de Guarujá, Estado de São Paulo, quando a realização do XII Congresso Internacional de Rorschach e outras Técnicas Projetivas. A reunião teve caráter científico e constou de uma mesa redonda com os membros da Sociedade Romana de Rorschach, da Itália.
- Em 31 de janeiro de 1987 realizou-se a 184ª Reunião

Ordinária da Sociedade Rorschach de São Paulo, em sua sede. Como convidados, Salvatore Parisi, Patrícia Pes e Carla Giovannelli, diretores e membros da Sociedade Romana de Rorschach, expuseram alguns dos aspectos das pesquisas que vêm desenvolvendo na Itália.

- Em 05 de agosto de 1987 realizou-se a 185ª Reunião Ordinária da Sociedade Rorschach de São Paulo, em sua sede. Na ocasião, a Dra. Hilda C. P. Morana apresentou o "Estudo de um caso sobre Patologia Cerebral - lesão frontal".
- Em 16 de novembro de 1987 realizou-se a 186ª Reunião da Sociedade Rorschach de São Paulo, juntamente com a Assembléia Geral Extraordinária da So-

Associação Brasileira de Psicologia

Associação Brasileira de Psicologia

cidade, para discussão e aprovação do ante-projeto dos novos Estatutos da Sociedade Rorschach de São Paulo, cuja cópia foi enviada aos Sócios.

- No período de 19.08.87 e 07.10.87, a Prof^a. Lucia Coelho ministrou curso sobre Teoria da Personalidade.
- Informamos que o Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo já foi classificada para a Base de Dados do INDEX MÉDICUS LATINO - AMERICANO. A BIREME está aguardando que enviemos o número de 1986 a 1987.
- A Sociedade de São Paulo fará em 11, 12 e 13 de novembro, na Associação Paulista de Medicina, encontro Brasileiro de Rorschach, um preparatório pa

ra o próximo Congresso Internacional a realizar-se na França em 1990. Informações e inscrições em nossa sede pelo telefone 289.2067.

- Informamos que a Dr^a. Lucia Coelho mantém, na sede da Sociedade Rorschach de São Paulo, à Rua Itapeva, 490, cj. 74, um horário de atendimento para supervisões.
- Estamos formando grupos de estudo em assuntos ligados a Psicologia e Psiquiatria. Os interessados em particular devem se comunicar pelo telefone 289.2067.

..*
.
*.
.

SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO
REPRODUÇÃO PROIBIDA